

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**



**“ O cruzamento de metodologias no ensino e  
aprendizagem do Desenho”**

Rita Cristina Firmino de Sá Henriques

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

**MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS**

2014

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**



**“ O cruzamento de metodologias no ensino e  
aprendizagem do Desenho”**

Rita Cristina Firmino de Sá Henriques

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA  
Orientado pelo Professor Doutor António Pedro Marques  
Coorientado pela Professora Doutora Sara Bahia

**MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS**

2014

## **Agradecimentos**

Aos professores orientadores, Professor António Pedro Marques e Professora Sara Bahia pela preocupação, motivação, interesse e orientação detalhada e rigorosa.

Ao professor cooperante Vitor Pinhão pelo apoio e partilha de conhecimentos.

Aos meus alunos que me relembram a cada dia o porquê desta paixão de ser professora.

Aos professores e colegas de mestrado que ajudaram a construir uma professora mais consciente.

À Carla pela motivação, suporte e disponibilidade.

Ao Tiago pelo amor, paciência e apoio incondicional.

Em especial aos meus pais por todo o esforço, apoio e respeito.

# **Relatório da Prática de Ensino**

## **RESUMO**

**Autor:** Rita Cristina Firmino de Sá Henriques

A unidade didática desenvolvida tentou criar um cruzamento de metodologias que podem ser usadas no ensino e aprendizagem da disciplina de Desenho A. Com o objetivo de explorar metodologias, que contribuem para os alunos estabelecerem uma relação de sucesso com o ato de desenhar, tais como: desenho de observação, desenho de cópia ou apropriação, entre outros. Para além disso, tentou estabelecer um possível modelo de posicionamento do professor da disciplina de Desenho, o qual deve ser conhecedor: das diferentes metodologias e a sua história, do aluno e dos seus conhecimentos prévios, e da importância dos contextos criados em sala de aulas, como fatores responsáveis pelo sucesso do ensino e aprendizagem. A unidade foi desenvolvida ao nível do 12.º ano de escolaridade no âmbito da disciplina de Desenho A. Foram propostas diferentes estratégias que levaram à realização de uma apropriação e variação a pastel de óleo, a partir de um referente bidimensional, neste caso, uma obra da pintora Paula Rego. Estes objetivos delineados para estas atividades foram atingidos, tanto durante o processo como nos resultados finais, criando nos alunos o que era pretendido: um sentimento de autoeficácia, face ao “saber desenhar”. Os alunos foram avaliados com sucesso segundo os critérios de avaliação estipulados pela escola, por atingirem algumas das competências previstas no currículo nacional da disciplina de Desenho A, tais como o domínio e o uso de diferentes grafismos e técnicas de forma expressiva.

### **Palavras-chave:**

Desenho, metodologias, apropriação, autoeficácia, sala de aula, competências do desenho

# **Supervised Practice Report**

## **ABSTRACT**

**Author:** Rita Cristina Firmino de Sá Henriques

The developed teaching unit sought to create an intersection of methodologies that can be used in teaching and learning the subject of Drawing A. Aiming to explore methods that contribute to students establishing a successful relationship with the act of drawing, such as: drawing by observation, drawing by copying from flat or appropriation, among others. Additionally, tried to establish a possible model for the role of the Drawing Teacher, which must be knowledgeable of: the different methodologies and their history, the students and their prior knowledge, and the importance of the environment created in the classroom as factors responsible for the success of teaching and learning. The unit was developed in the 12th grade level within the subject of Drawing A. Different proposed strategies, led to the realization of an appropriation and change-over exercise with pastel, from a two-dimensional subject, in this case a work from the painter Paula Rego. The objectives outlined for these activities have been achieved, in both the process and the final results, creating in the students what was intended: a sense of self-efficacy, compared to the "drawing skills". Students were evaluated successfully according to criteria's set by the school for achieving some of the skills expected under the national curriculum of the subject of Drawing A, such as the domain and the use of different graphisms and expression techniques.

**Keywords:**

Drawing, methodologies, appropriation, self-efficacy, classroom, drawing skills

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>PARTE I - ENQUADRAMENTO CURRICULAR E DIDÁTICO .....</b>	<b>4</b>
<b>1. Desenho – A definição .....</b>	<b>4</b>
<b>2. O ensino do Desenho .....</b>	<b>5</b>
2.1 Metodologias do ensino do Desenho .....	6
2.1.1 Método autográfico – Rousseau.....	6
2.1.2 Método da cópia e método da estampa.....	7
2.1.3 Método académico – Ruskin.....	8
2.1.4 Método natural – Kimon Nicolaides .....	9
2.1.5 Método da lateralidade – Betty Edwards.....	10
2.2 Métodos operativos e o seu lugar na História.....	10
2.2.1 Alberti e o “velo” .....	11
2.2.2 A janela de Leonardo.....	11
2.2.3 Janela de Dürer .....	11
2.2.4 Método expressionista .....	11
2.2.5 Método planimétrico .....	12
2.2.6 Método da pena medieval.....	12
2.2.7 Método projetual .....	12
2.3 Estratégias de Ensino .....	13
2.3.1 Desenho de observação.....	13
2.3.2 Cópia de obras de arte.....	14
2.4 A disciplina de Desenho A.....	15
2.4.1 Conteúdos e objetivos do programa .....	16
<b>3. O Adolescente .....</b>	<b>19</b>
3.1 O adolescente e o desenvolvimento artístico .....	20
3.2 O Adolescente e a Motivação.....	21
<b>PARTE II - METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
<b>1. Introdução à Unidade Didática.....</b>	<b>24</b>
<b>2.Caracterização do contexto escolar.....</b>	<b>25</b>
2.1 Perfil da escola .....	26
2.2 Instalações e Equipamentos - recursos educativos da escola. ....	26
2.3 Projeto Educativo da Escola Secundaria José Afonso .....	27
2.4 Metodologias de Ensino–Aprendizagem.....	27
2.5 Departamento de Expressões.....	28
<b>3. Caracterização da turma .....</b>	<b>29</b>
<b>4. Apresentação da Unidade de Trabalho .....</b>	<b>30</b>
4.1 Metodologia na unidade de trabalho.....	31
4.2 Descrição por fases de trabalho .....	34
4.3 . Descrição das aulas .....	35
4.4 Avaliação.....	39

4.5 Análise dos resultados finais .....	39
<b>ANÁLISE E REFLEXÃO .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXO I - PLANIFICAÇÃO ANUAL 12.ºANO DESENHO A.....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXO II – PROCESSOS INTEGRADOS DE AVALIAÇÃO – DESENHO A .....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXO III – PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA .....</b>	<b>68</b>
<b>ANEXO IV – POWERPOINT SOBRE PAULA REGO .....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXO V – IMAGEM ESCOLHIDA PARA 1.º EXERCÍCIO .....</b>	<b>74</b>
<b>ANEXO VI – TRABALHOS ANTERIORES DOS ALUNOS.....</b>	<b>75</b>
<b>ANEXO VII – TRABALHOS FINAIS UNIDADE DIDÁTICA .....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXO VIII – TRABALHOS DESENVOLVIDOS DEPOIS DA UNIDADE DIDÁTICA .....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO IX – FOLHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA UT .....</b>	<b>83</b>

## INTRODUÇÃO

Pensar o ensino é inevitavelmente admitir que as crises e instabilidades, trazem com elas novas tentativas, reflexões, críticas e procura de novas posições. Mas principalmente trazem consigo a prática, a que muitos admiram, de levantamento de questões. Neste caso, o interesse recai em particular na problemática do ensino das Artes Visuais e de uma das suas disciplinas específicas, a disciplina de Desenho, sobre a qual podemos levantar um vasto leque de interrogações.

Sem surpresas, as áreas artísticas tendem a ser delegadas para planos de segunda importância. Este é um problema comum em muitos países, Ana Mae Barbosa (1991) arte educadora brasileira, caracterizou esta situação de luta política quando afirmou que “precisamos continuar a luta política e conceitual para conseguir que a arte seja não apenas exigida, mas definida como uma matéria, uma disciplina igual às outras no currículo. Como a matemática, a História, e as Ciências a arte tem um domínio, uma linguagem, uma história. Se constitui, portanto, num campo de estudos específico e não apenas uma mera atividade” (Barbosa, 1991).

Em Portugal, o prosseguimento de estudos nesta área tem vindo a decrescer. Tudo isto se deve a um conjunto de fatores, que poderíamos enunciar numa longa lista. Mas interessa-nos pensar em particular no ensino do Desenho e na sua dinâmica dentro da sala de aula, no papel do professor e as características do aluno. Que atenções deve ter em particular um professor de Desenho ao desempenhar as suas funções? Porque o aluno de Desenho, que em geral manifesta um nível baixo de desenvolvimento cognitivo e de pensamento abstrato, tem uma relação de medo com o ato de desenhar? Sem dúvida, esta é uma condição sentida por muitos professores, independentemente do nível de escolaridade, pois muitas vezes, chega a manifestar-se já ao nível do ensino universitário.

Embora as problemáticas do ensino e aprendizagem do desenho não sejam novas, é na atualidade da sala de aula, à luz das circunstâncias atuais, na luta por currículos mais significativos, ou pelo menos em formas mais eficazes de os seguir, que se situa o desenvolvimento desta unidade temática. A qual visa estabelecer um modelo



face ao posicionamento do professor de uma disciplina de Desenho, da qual deve ser conhecedor. Primeiro, da prática e das teorias de ensino e aprendizagem, nas quais o ensino do Desenho tem estado envolto nos últimos séculos, principalmente das diferentes metodologias de ensino do Desenho. Segundo, das características do aluno, desde o seu estágio de desenvolvimento, às proveniências socioculturais, até à identificação mais acuta dos níveis de conhecimento adquiridos até então, por parte do aluno. Daí a importância da avaliação diagnóstica, que deve ser feita de forma constante ao longo do ano, de forma a identificar carências e necessidades que podem ditar mudanças de estratégias no uso das metodologias. Terceiro, da importância do ambiente em sala de aula, e das condições apropriadas para o ensino do Desenho, sejam a nível físico, como das dinâmicas exploradas neste local. Tudo isto com a intenção definida de criar no aluno, antes de tudo, prazer e entusiasmo, confiança e eficácia face ao ato de Desenho, para depois poder desenvolver as inúmeras competências contempladas no currículo de Desenho.

Por outro lado a estruturação desta unidade de trabalho, teve como objetivo, mais do que uma estratégia de inovação, o reconhecimento e a importância do uso das estratégias sugeridas no Currículo Nacional da disciplina de Desenho A, para o 11.º e 12.º ano de escolaridade (Ramos, Queiroz, Barros, & Reis, 2002). Assim como também a preparação dos alunos para possíveis situações que possam vir a ser contempladas em Exame Nacional da disciplina de Desenho A. Os objetivos foram visados de forma a desenvolver competências, tais como a capacidade de usarem diferentes registos gráficos (através da utilização de diversos métodos), desenvolver a sensibilidade estética e a apreciação de diferentes modos de expressão e desenvolver consciência diacrónica do desenho com base no conhecimento de obras relevantes. Tudo isto com o objetivo direcionado para organização de estratégias em que aluno será apto a desenvolver sentimentos de autoeficácia e de motivação face ao ato de desenhar.

A primeira parte deste relatório corresponde à Fundamentação Teórica, onde são abordados conceitos relacionados com a definição de Desenho, metodologias de ensino usadas no Desenho ao longo de diferentes épocas da História de Arte, posicionamento da disciplina de Desenho no Currículo Nacional em vigor para os cursos gerais de Artes Visuais, e também abordagem das características de desenvolvimento do adolescente.

A segunda parte é dedicada à Metodologia desenvolvida durante a unidade de trabalho, contextualizando a instituição escolar, a turma do 12.º ano, e a estrutura e o desenvolvimento das diferentes fases da metodologia adotada.

Em consideração afinal serão abordados os benefícios no cruzamento de diferentes metodologias e como o impacto dos resultados obtidos, se manifestou nos alunos e no professor.

# PARTE I - ENQUADRAMENTO CURRICULAR E DIDÁTICO

## 1. Desenho – A definição

Inevitavelmente a primeira pergunta que surge em qualquer reflexão sobre o desenho é: “O que é desenhar?” Esta é a pergunta que tem despoletado inúmeras teorias em volta da génese do desenho e das suas manifestações. Sendo comumente relacionado com o ato de ver. Desenhar é essencialmente ver, observar, contextualizar através da visão. Definir campos de visão, privilegiar imagens, criar imagens, desmultiplicar imagens. De forma mais poética há quem defina o desenho como um risco, ironizando com este duplice significado.

A definição de Desenho poder tornar-se ingrata e extensiva, visto que o Desenho abrange um enorme número de manifestações condicionando assim a sua definição total.

Para encontrarmos possíveis definições temos de procurar intenções e contextos. A definição está por isso dependente do contexto, pois o desenho tem diversas especificidades, atendendo às necessidades de diferentes disciplinas. Conforme defende Luís Rodrigues (2010) sendo que o homem não é um ser estável, o desenho tende a ter um carácter “transitório.” Ora, e se associarmos o ato de desenhar ao ato de escrever, conforme disse Hockney (Camp, 1982) que “se qualquer um pode escrever, também pode aprender a desenhar”. Relacionando estas duas posições é somente natural que tal como é inquestionável a mutabilidade da escrita enquanto expressão comunicativa, informativa, expressiva, criativa, também o desenho se torna lógico na sua definição enquanto algo transitório.

Desenho pode ser entendido por diversas coisas que abrange sobretudo o ato de fazer e o ato de olhar (Marques, 2005). Segundo Molina (2003) considera-se o ato de desenhar como uma forma de reapresentar, do fazer estar presente aquilo de que o desenho fala, do seu mundo exterior visível e sensível, através do abecedário gráfico, a linha, a mancha e o ponto.

## **2. O ensino do Desenho**

Existe uma complexa caracterização no que diz respeito à prática da disciplina de Desenho, devido à multiplicidade de linguagens comunicadas nesta disciplina.

Num pressuposto entendível do Desenho enquanto disciplina, existe uma oposição ao Desenho enquanto talento inato, natural e pessoal face ao ato de desenhar como algo passível de aprendizagem. Como diria Hockney “se qualquer um pode aprender a escrever também pode aprender a desenhar” (Camp, 1982). Ou como dizia Kimon Nicolaides(1941) que o impulso de desenhar seria tão natural como o impulso de falar.

Sobre o ensino do Desenho ser um resultado de interação entre corpo e mente, racionalidade e motricidade, Luís Rodrigues (2010) defende que ensinar a desenhar não se restringe ao ensino de um conjunto de habilidades manuais ou de receitas que permitem desenhar como um ato mecânico, mas é algo que envolve o desenvolvimento de processos visuais e cognitivos.

É comum a defesa de que o sucesso no ensino do Desenho depende sobretudo das estratégias usadas, no sentido de educar o olhar. Pois, a capacidade de “fazer” está relacionada com a qualidade e a capacidade do ver ( Rocha de Sousa, sem data).

Existe portanto uma necessidade de preparar o cérebro para “ver”, de “pensar visualmente e de ver conscientemente” (Micklewright, 2005). Betty Edwards defende que para desenhar é necessário “ver as coisas de forma diferente” (Edwards, 1979).

Pensar em como o ato de desenhar se processa dentro do cérebro humano leva-nos inevitavelmente às teorias desenvolvidas por Betty Edwards (1979), sobre o duelo entre o lado direito do cérebro ( onde se processam funções relacionadas ao desenho) e o lado esquerdo do cérebro (onde se processam funções relacionadas com a verbalização).

Segundo Betty Edwards, um dos fatores que impede as pessoas de verem as coisas com clareza suficiente para as poder desenhar é o fato de que a partir da infância

aprendemos a ver as coisas e identificamo-las em termos de palavras, dando-lhes nomes e atribuindo-lhes características (Edwards, 1979).

Betty Edwards (1979) realça este fenómeno de que desde de crianças que aprendemos a ver as coisas em palavras, atribuímos significado às coisas pelo que elas “dizem” ser e não o que mostram ser visualmente. Ora o Desenho vai no sentido contrário, acontecendo quando o cérebro está na modalidade de poder percepcionar o detalhe e as relações espaciais.

## **2.1 Metodologias do ensino do Desenho**

Ao longo da História tem sido defendidas diversas metodologias no que diz respeito ao ensino do Desenho. Este subtópico irá considerar brevemente alguns dos métodos reconhecidos, e os quais têm influenciado o ensino e aprendizagem do Desenho ao longo da história, até aos nossos dias. Mas principalmente incidirá sobre os métodos que foram considerados no desenvolvimento da Unidade de Trabalho. (A referência a estes métodos terá como principal base a descrição destes métodos feita pela Professor António Pedro Marques, nos Cadernos de Didática do Desenho)

### **2.1.1 Método autográfico – Rousseau**

O **método autográfico** foi estabelecido por Rousseau e “ é provavelmente o método mais antigo e o primeiro método, se atendermos ao processo de desenvolvimento individual. A actividade gráfica da criança tem início por volta dos dezoito meses e, segundo Lowenfeld, manifesta-se através de rabiscos ou garatujas desordenadas – a criança não olha para o papel – evoluindo no sentido do controle progressivo dos movimentos, observável no registo de formas fechadas e, posteriormente, o despertar da representação, expresso nas garatujas identificadas. O realismo fortuito, segundo Luquet, caracteriza o período dos três aos quatro anos. A fase dos girinos ou cabeçudos está associada às primeiras tentativas de representação intencional, entre os quatro e os cinco anos. Por volta dos seis ou sete anos, a expressão gráfica é descritiva e a criança socorre-se de constantes formais, como a transparência e o rebatimento, que coexistem com a diversidade de pontos de vista. A representação é

essencialmente ideográfica. A tendência para a animização surge também nesta fase, propícia à formação de estereótipos figurativos e que Luquet designa por fase do realismo intelectual. A partir dos dez anos, o domínio do pensamento lógico é acompanhado por uma crescente necessidade de realismo visual que suscita aprendizagens conducentes a uma representação mais objectiva e rigorosa. Rousseau estabelece um percurso autográfico para o jovem Emílio, evitando o mestre de desenho, que apenas o faria desenhar copiando outros desenhos. A natureza deve ser o único mestre e os objectos os únicos modelos. O registo depende da observação directa “a fim de que se acostume a bem observar os corpos e as suas aparências, e não a considerar como verdadeiras imitações aquelas que são falsas e convencionais. (...) A minha intenção não é tanto que ele saiba imitar os objectos como de que os conheça; prefiro que ele me mostre uma planta de acanto e que desenhe menos bem as folhagens de um capitel.” O método autográfico é um método heurístico, por excelência, com base num processo de auto-educação através da realização de uma actividade criativa própria, que tem a maior relevância no ensino artístico organizado, sobretudo na pesquisa e na experimentação decorrente do trabalho de projecto”(Marques,2005).

### **2.1.2 Método da cópia e método da estampa**

O **método da cópia** embora tenha sofrido algumas alterações, tanto a nível conceptual, como na sua prática, é um método a que se continua a recorrer como estratégia pois este “requer uma atitude receptora dirigida para a destreza manual e para a memorização dos traçados. É simultaneamente um método didáctico e um método operativo, utilizado na “transcrição paciente” do desenho preparatório da pintura, da gravura ou da escultura, como podemos verificar nos exemplos de arte tumular egípcia que chegaram até nós. Com uma longa tradição na cultura artística da China e do Japão, é um método que ainda hoje está associado ao ensino do desenho, sobretudo no caso da ilustração científica. Desde o Antigo Egipto, passando pela Idade Média, onde a expressão gráfica foi essencialmente tributária da sua aplicação, o método da cópia foi utilizado nas primeiras academias de arte, acabando por constituir o método, por excelência, do ensino académico. Segundo Assis Rodrigues, consiste em “copiar desenhos ou estampas como exemplares do mesmo estudo”. A questão da cópia é sentida negativamente, hoje, face à multiplicidade de meios técnicos produtores de imagens. Todavia, o método da cópia permitiu divulgar os modelos iconográficos mais

representativos de cada época, a que a experiência acrescentou, por vezes, “uma melhor referência à realidade”. Em associação ao método da cópia surge o método de desenho pela estampa e “segundo o *Dicionário Técnico e Histórico* de Francisco de Assis Rodrigues, “estampa” é qualquer obra ou imagem feita de traços cruzados em matéria sólida, e que se aplica com especialidade em imagens ou figuras impressas sobre papel ou estofos, por meio de uma chapa de cobre, madeira, aço, etc. O termo de estampa aplica-se igualmente às produções de gravura a água-forte, a buril, em maneira negra, para lápis, etc. Tiram-se estampas sobre couros ou peles, sobre tecidos, seda, pergaminho, cetim ou mesmo sobre a cortiça das árvores, que sobre o gesso. A arte de imprimir estampas foi inventada por um artífice de Florença, chamado Marcos Finiguerra no séc. XV. As estampas permitem-nos conhecer “o génio, o gosto e o estilo dos grandes mestres e são úteis para motivar aqueles que seguem a mesma carreira”. O **método do desenho pela estampa** está associado ao ensino académico, tomando os modelos artísticos greco-latinos e do classicismo como base de uma formação artística assente na “justeza dos olhos e na facilidade de mão”. Na primeira lição de desenho pela estampa eram apresentados os elementos da geometria prática e nas lições seguintes os estudantes eram iniciados no desenho elementar da figura humana através de “esquemas” de representação, completados com exemplos de desenho perfilado e desenho sombreado” (Marques, 2005).

### 2.1.3 Método académico – Ruskin

John Ruskin, historiador e crítico inglês que esteve ligado ao movimento inglês *Arts and Crafts*, em 1957 publicou a obra *The Elements of Drawing*, através da qual divulgou o seu método didático. Nesta obra, composta em forma de 3 cartas a uma aluna, Ruskin apresenta um conjunto de exercícios direcionados para o entendimento da prática de Desenho e para o aumento da sua complexidade com base do desenvolvimento da capacidade da observação da Natureza. Todo o seu método veio a direcionar-se para a aprendizagem do desenho através do estudo dos elementos naturais. Defendendo que “quem sabe desenhar uma pedra sabe desenhar qualquer coisa” (Ruskin, 1957).

“O **Método académico** é a designação conjunta dos métodos que estão associados ao ensino académico. Os primeiros estatutos da Academia Real de Paris estipulam que os alunos devem desenhar durante duas horas, por dia, “a partir do

natural”, tendo como motivo principal o modelo vivo. A Academia adquire, em 1654, o monopólio do ensino artístico, beneficiando, durante cerca de cinquenta anos, de uma situação privilegiada relativamente à Academia de S. Lucas, organizada por Simon Vouet. Esta situação veio, também, comprometer o processo tradicional das lições particulares, nos ateliers dos artistas. O ensino académico, tendo como objectivo principal a figuração humana, incluía o estudo da matemática, da arquitectura, da perspectiva e da anatomia. A pedagogia das academias, apesar de ter subtraído os artistas à influência das corporações e ter elevado o estatuto das Artes, que passaram de “mecânicas” a “liberais”, caracterizava-se pela obediência formal aos modelos estéticos e artísticos da Antiguidade Clássica, com apurada execução técnica, mas sem concepção inovadora. De um modo geral, remete para o dogmatismo e falta de capacidade inventiva que caracteriza a formação artística académica. Voltaire escreveu, numa carta, de 30 de Novembro de 1735, que nenhuma obra, dita académica, nunca foi, em género algum, obra de génio. Henrich von Kleist, em 1808, na obra Penthesilea, faz a apologia da imaginação contra a norma conservadora, afirmando que, em Arte, deve-se inventar, em vez de copiar” (Marques, 2005).

#### **2.1.4 Método natural – Kimon Nicolaides**

Kimon Nicolaides defendeu o **método natural** na sua obra *The Natural Way to Draw*, onde na sua introdução inicia por dizer que “o impulso de desenhar é tão natural como o impulso de falar” (Nicolaides, 2008). O método natural “baseia-se na prática do desenho, sem recurso a nenhuma teoria geométrica, observando o modelo e pondo em evidência o valor expressivo da forma. A observação e o registo gráfico não devem obedecer a ideias preconcebidas. A representação do espaço háptico, o desenho táctil ou cego, o desenho modificado de contornos, o estudo de contorno rápido, o estudo da gestualidade, os estudos de memória, são, entre outros, alguns exemplos de exercícios que o método propõe. Nicolaides, falecido em 1938, influenciou o ensino do desenho até aos nossos dias, com um método mais plástico do que gráfico, essencialmente intuitivo e activo” (Marques, 2005).



### 2.1.5 Método da lateralidade – Betty Edwards

Betty Edwards ao defender o **método da lateralidade** enaltece o ato de desenhar como uma ação neurológica, viabilizada pela visão. Com este método conseguiu explicar de forma simples e clara, como se pode ensinar a difícil tarefa de ensinar a “aprender a ver”.

“Betty Edwards publica, em 1979, *Drawing on the right side of the brain: a course in enhancing creativity and artistic confidence*. O **método da lateralidade** assenta no antagonismo do pensamento humano, verbal e analítico, no hemisfério esquerdo do cérebro, visual e perceptivo, no hemisfério direito. A teoria do cérebro bipartido, defendida por Roger Sperry e publicada em 1968, considera que as diferenças observadas nos hemisférios cerebrais estão associadas a duas modalidades de pensamento, verbal e não-verbal. “Os dados indicam que o hemisfério mudo e secundário se especializa em percepção gestáltica, uma vez que é basicamente sintético na forma como trata a informação que chega ao cérebro. O hemisfério falante e principal, ao contrário, parece funcionar de modo mais lógico e analítico, como um computador. A sua linguagem é inadequada para as sínteses rápidas e complexas feitas pelo hemisfério secundário.” O método de B. Edwards é uma aplicação da teoria da lateralidade e tem por objectivo tornar a prática do desenho acessível a todos, através de exercícios, como a representação de imagens invertidas, o “desenho cego de contornos”, o “desenho modificado de contornos”, o desenho de espaços negativos, o desenho “em perspectiva” a partir da “Janela de Dürer”, entre outros. O método tem, hoje, um papel relevante na didáctica da ilustração científica” (Marques,2005).

### 2.2 Métodos operativos e o seu lugar na História

Tal como no caso do métodos didáticos referidos acima, os métodos operativos aqui apresentados, são exemplificativos da evolução do ensino aprendizagem e das suas estratégias. A sua evolução, o seu lugar na História e os seus resultados deixam um legado de inspiração e referência. Seja, para um contexto de sala de aula ou na autonomia da prática de atelier.

### **2.2.1 Alberti e o “velo”**

Alberti no seu tratado “ De Pictura” de 1435, publicou o seu ideal humanista em relação à prática artística e destacou o papel da sua invenção e o seu contributo para o desenho. Este aparelho, que viria a influenciar mais tarde tanto Leonardo da Vinci como Albert Durer, chamava-se “velo” ou “intersector” e tornava possível a representação correta dos contornos dos objetos.

### **2.2.2 A janela de Leonardo**

“Para Leonardo de Vinci, ( Tratado da Pintura, 1517) “a perspectiva não é mais do que a visão de uma cena através de um vidro plano e bem transparente, sobre o qual registamos todos os objetos que estão do outro lado desse mesmo vidro: podem ser ligados ao centro do olho através de pirâmides; as pirâmides são interceptadas pelo dito vidro”. Leonardo desenhou o perspectógrafo que esteve na origem do nome do método, também conhecido por **método da janela de Leonardo**” (Marques,2005).

### **2.2.3 Janela de Dürer**

A janela de Dürer também terá como influência o “intersector” de Alberti e o perspectógrafo de Leonardo. Esta tinha o mesmo princípio, ajudar a representar e a transformar em bidimensional uma realidade tridimensional, através de uma janela que continha uma folha quadriculada transparente.

### **2.2.4 Método expressionista**

“No âmbito dos métodos operativos, o método expressionista é o mais autodidático, pelo carácter espontâneo que evidencia, e seguramente o mais remoto. Este método remonta à Pré-História, ao Antigo Egipto, passando pela Idade Média, pela Arte Popular e pela Arte Primitiva, atravessa todo o século XX e chega aos nossos dias, mantendo as características fundamentais: representação aspéctica da realidade, ênfase plástica das formas, acentuação dos aspectos afectivos e emotivos em detrimento da objectividade da representação, recorrendo num passado recente à

exaltação gestual e à energia plástica dos contrastes» (Marques, 2005).

### **2.2.5 Método planimétrico**

«O método planimétrico permite a tradução bidimensional das formas que observamos ou queremos representar. É um método de representação plana que recorre a uma quadrícula para registar as formas “exactamente como as vemos”, com as distorções resultantes da situação no espaço. Além de método de transposição intuitiva da realidade perceptiva, constitui um meio rigoroso de projecção plana» (Marques, 2005).

### **2.2.6 Método da pena medieval**

«Jean Rudel refere a longa tradição de “linearismo” ou de “desenho- contorno” que o desenho a pena permitiu e que não se circunscreve apenas à Idade Média. Todavia, obras medievais como o “Saltério de Utreque” e o “Álbum de Villard de Honnecourt” revelam claramente as características deste método que obedece ao princípio de “circunscrição” descrito por Alberti, em 1436, no “Tratado da Pintura”. O método conduz à simplificação, embora admita traçados direccionais e cruzados no interior das formas previamente definidas pela linha de contorno» (Marques, 2005).

### **2.2.7 Método projetual**

«Desde a extensão da disciplina de Desenho, como opção, nos últimos anos dos Cursos de Belas-Artes, o método do projecto passou a ser utilizado como o método principal da didáctica do desenho. Este método é um método activo que assenta numa sequência de operações, com o objectivo principal de desenvolver capacidades criativas, com base na pesquisa e na experimentação conceptual e técnica. O método desenvolve-se segundo três fases: concepção, desenvolvimento e resolução. Na fase de concepção o aluno é confrontado com a necessidade de reconhecer o sentido dos referentes iconográficos e dos conteúdos significativos dos elementos que pesquisa; ainda dentro desta fase, ensaia vários processos de tradução gráfica com o objectivo de estabelecer conexões entre o sentido das formas conceptuais e materiais. O desenvolvimento

consiste na exploração do filão temático, decorrente da experiência anterior e de uma série de ensaios no campo das variantes expressivas e compositivas. Finalmente, na fase de resolução é executado o projecto, na perspectiva do desenho tradicional ou na perspectiva da aplicação de novos meios de expressão» (Marques, 2005).

## **2.3 Estratégias de Ensino**

A grande vantagem no ensino de hoje é poder conhecer as diversas metodologias já experimentadas e estudadas ao longo dos tempos. Conhecer-las e adaptá-las através de diferentes estratégias de ensino, é o que deveria ditar o sucesso do ensino e aprendizagem do desenho. Em seguida serão apresentadas algumas estratégias de ensino, que inspiraram e motivaram o desenvolvimento da unidade de trabalho.

### **2.3.1 Desenho de observação**

O desenho de observação tem sido uma estratégia de ensino conscientemente usada devido à sua fiel capacidade de cumprir com o objetivo fulcral do desenho: aprender a ver. O qual envolve um total domínio da percepção visual e espacial.

José Molina apropriadamente cita Le Corbusier, quando ele diz que “desenhar é principalmente desenhar com os olhos, observar, descobrir. Desenhar é aprender a ver” (Molina, 1995). Como referido acima, grande parte dos métodos desenvolvidos ao longo dos séculos, enaltecem o desenho de observação como veículo de apreensão da realidade que se pretende representar. É inegável esta relação entre a qualidade do olhar e a capacidade de desenhar, ou seja a capacidade do “fazer” está relacionada com a qualidade do “ver” (Rocha de Sousa, sem data).

O desenho de observação tem esta capacidade simultânea, de concretização e de laboratório. Se por um lado almeja a apreensão de uma determinada realidade, direcionando o foco sobre o resultado final. Por outro lado, serve de lugar de experimentação e de desenvolvimento do ato de observar. Este é um princípio básico no ensino e aprendizagem do desenho: educar o olhar na sua plenitude. Ou seja, preparar

um olhar capaz de determinar as relações espaciais, dimensões, disposições no espaço e contornos das formas, tomando uma consciencialização das características da forma (Sausmarez, 1986).

Para obter resultados através desta estratégia de ensino, é sem dúvida, necessário uma enorme disciplina, visto que embora sendo uma das estratégias mais eficazes, nem sempre os seus resultados são os mais imediatos. Algo que leva à resistência da parte de muitos alunos. É comum a muitos professores de Desenho terem a experiência em sala de aula, com grande parte dos alunos que durante o desenho de modelo passam o tempo a olhar para a sua folha de papel, e não para o modelo (Rocha de Sousa, sem data).

### **2.3.2 Cópia de obras de arte**

Ao longo da história esta tem sido uma estratégia privilegiada por muitos artistas: copiar desenhos e grafismos de outros. Esta ação estimula não só a perceção visual como também o sentido crítico. Giacometti deu ênfase ao desenho de cópia de outros artistas e defenderia com a sua prática que se deve “copiar para ver melhor”.

Copiar é uma metodologia privilegiada ao longo dos séculos, tanto por artistas como por professores, visto que esta prática impulsiona o ato de ver e observar, para além de estimular a capacidade crítica e o uso de um amplo léxico visual. O benefício da tomada de conhecimento de como determinados artistas interpretaram a realidade e desenvolveram soluções gráficas de representação, dá ao aluno capacidade de aquisição de conhecimento, principalmente de “como fazer”. Ao mesmo tempo, dando espaço para reflexão e análise de como o artista viu e interpretou determinada realidade. Como diria David Hockney “a cópia é uma método excelente para aprender a ver porque obriga a olhar através dos olhos de outro e fixar-se na forma como outro viu algo e o colocou no papel” (Camp, 1982).

O desenho de cópia prepara o aluno com diversas ferramentas que abrangem os diversos campos de desenvolvimento envolvidos na aprendizagem do ato de desenhar. “O partido que o estudante pode tirar ao copiar um desenho, não é a duplicação do mesmo ou a mera aquisição de uma grafia pessoal mas “a compreensão [visual do mundo] e a expectativa de que esta compreensão o ajudará a desenvolver uma grafia e

expressão pessoal” (Chaet, 1972: 253). O aprendiz, ao observar e copiar, pode perceber uma série de questões acerca do desenho do mestre que não entenderia de outra maneira, tais como, “a posição de uma determinada forma num determinado espaço”, ou poder “separar a forma do seu ambiente para o seu estudo individual” (Chaet, 1972: 253).

## **2.4 A disciplina de Desenho A**

Uma das reformas curriculares mais significativas no curso geral de Artes Visuais no ensino secundário, foi a reforma de 2000, onde se destaca a introdução da disciplina de Desenho A como disciplina de formação específica do curso geral de Artes Visuais.

No início do ano 2000 é instalada a revisão curricular, iniciada pelo Ministério da Educação em 1997, que estabeleceu novos princípios orientadores para a estrutura e gestão curricular dos cursos gerais e tecnológicos do ensino secundário regular.

No novo plano de estudos do Curso Geral de Artes Visuais Aparecem, na componente de formação específica, as disciplinas de Desenho A, História das Artes e Geometria Descritiva A. Como disciplinas de opção aparecem: o Desenho Técnico; Materiais e Tecnologias; Oficina de Artes; Oficina de design; Oficina de Multimédia; uma disciplina de oferta da escola. A disciplina de Desenho A vai ser a única comum aos três anos letivos do curso, do 10º ao 12ºano.

É notável que só passado quase cem anos, que o ensino do Desenho volta a ser considerado prioritário no ensino das Artes Visuais. Afinal de contas, como afirmam os autores do programa “numa época de mutações abundante em desafios e incertezas complexas, o desenho assume-se, hoje, como piloto na área emergente da «educação para a cidadania». A sua pedagogia é geradora de posturas, de debates, de crítica, de exposições e de confrontos. Estimula o desenvolvimento estético e apura o sentido da qualidade na apreciação ou recriação da forma” (Ramos, Paulo, Barros & Reis, 2001).

### **2.4.1 Conteúdos e objetivos do programa**

O programa de Desenho foi pensado numa intenção de posicionar a disciplina de desenho para além da prática artística, como foi referido acima, avança inclusive com uma consciência da educação para a cidadania. Como referem “ O desenho não é apenas aptidão de expressão ou área de investigação nos mecanismos de perceção, de figuração, ou de interpretação; é também forma de reagir, é atitude perante o mundo que se pretende atenta, exigente, construtiva e liderante. Marca ontologicamente o jovem estudante no sentido em que concorre para que este venha a ser um profissional responsabilizado perante a mais valia com que a proposta gráfica enriquece a dinâmica social; se torne mais capaz de ver criticamente e de intervir, na interação cultural. Disciplina motivadora, é motriz quanto à capitalização das novas gerações: área de acolhimento onde a maturação bio-psico-social se processa com oportunidade, sem oprimir ou ultrapassar as complexidades crescentes e em conflito que caracterizam a sociedade. Do mesmo modo o desenho é uma disciplina que permite ou auxilia com sucesso o processo contínuo de integração dos adolescentes: é o campo da inserção e da assimilação da diferença, pela atração que a área pode exercer sobre aqueles que a força centrífuga das organizações poderia afastar do ciclo da renovação escolar e geracional” (Ramos, Paulo, Barros & Reis, 2001).

A proposta do programa está assente num ensino com base na exploração de três diferentes áreas : a percepção visual, a expressão gráfica e a comunicação. Com destaque assim, para a tricotomia do Ver/Criar/Comunicar. Onde se intenciona desenvolver as seguinte competências:

- “Observar e analisar - o aluno estará capaz de observar e registar como elevado poder de análise. O aluno deverá, mercê do exercício de observação analítica, observar e registar com crescente aptidão.

- Manipular e sintetizar – o aluno estará apto a aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correção e a criar imagens novas.

- Interpretar e comunicar – o aluno conseguirá ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho variadas” (Ramos, Paulo, Barros & Reis, 2001: 10).

As **finalidades** do programa são:

- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação.
- Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação.
- Promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania.
- Desenvolver o espírito crítico face a imagens e conteúdos mediatizados e adquirir, com autonomia, capacidades de resposta superadoras de estereótipos e preconceitos face ao meio envolvente.
- Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência.
- Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação.

Os **objetivos gerais** são:

- Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.
- Conhecer as articulações entre a percepção e o mundo visível.
- Desenvolver os modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.
- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.
- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.
- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.
- Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.



- Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, vencendo idiossincrasias e posições discriminatórias.
- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.
- Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outro.
- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.
- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes” Ramos; Queiroz; Barros e Reis. 2001.

Os conteúdos dividem-se em cinco grupos de trabalho, o quais: visão, materiais, procedimentos, sintaxe e sentido. Estes conteúdos estão contemplados em diversos temas sugeridos, que serão abrangidos e complementados durante os três anos letivos de ensino da disciplina.

O programa destaca ainda o papel do professor, que para além de preocupações com o a estrutura curricular e com os conteúdos programáticos, deve ser auto-consciente do seu papel na sala de aula. Visto que, “ na aula de desenho são propostos modos de olhar o mundo capazes de perscrutar as suas aparências e estereótipos. Aqui, como no resto, o papel do professor caracteriza-se pela ação insubstituível, quer nalguma estruturação por «ambiente e contágio» do pensamento e do agir comunicativo, quer pelo que se explora a nível curricular e programático, quer ainda pela ação como criador/autor, gerando ambiente oficial que se pode caracterizar dentro do chamado «currículo oculto» no melhor dos seus sentidos; e, ainda, evitando inibir potencialidades («currículo omissa ou nulo»)” (Ramos, Paulo, Barros & Reis, 2001)

Como parte integrante do programa, para além de temáticas, são sugeridos alguns exercícios que incorporam os vários conteúdos e objetivos. Para o desenvolvimento da Unidade de Trabalho visada no relatório foi principalmente levada em conta a seguinte proposta:

“Sinopse - escolha de um ou mais desenhos a partir do repertório da história de arte. Representação à vista desse exemplo atendendo às especificações processuais do original e respectiva escala. Poderá haver lugar a uma segunda fase introduzindo-se variações. Analisar, comparar e discutir diferenças e semelhanças ao nível do sentido.

Conteúdos envolvidos: Visão, Matérias, Procedimentos; Sintaxe e sentido” (Ramos, Paulo, Barros & Reis, 2001).

No contexto da disciplina de Desenho A pretendeu-se desenvolver um projeto que estimule o ato de observar e de relacionar, tão fulcral na disciplina de Desenho. Neste sentido, pretendeu-se ainda que os alunos pudessem estabelecer contato com métodos, linguagens e processos de trabalho desenvolvidos por artistas consolidados, fomentando assim o desenvolvimento da capacidade de observação, interrogação e de interpretação. Ao mesmo tempo, possibilitando também a experimentação e exploração de diferentes suportes, técnicas, materiais e processos.

As estratégias desenvolvidas pretendem contextualizar a importância do método da apropriação e o seu fundamento no ensino-aprendizagem da disciplina de Desenho. Ao mesmo tempo, pretende-se refletir sobre diferentes métodos aplicados dentro da sala de aula, criando diversas relações e enunciando problemas referentes à observação, apropriação, técnica, sistematização, sugerindo também a observação como referente do imaginário. Por isso como exemplo, foi escolhida a obra da artista Paula Rego, numa perspectiva de aprofundar conhecimentos sobre obras e processos de trabalho no campo artístico.

### **3. O Adolescente**

O ser humano passa por diversas fase de desenvolvimentos, que ao longo dos anos têm sido estudadas e categorizadas por diferentes psicólogos e educadores.

Erik Erikson descreve a adolescência como a fase que o ser humano atravessa entre os 13 e os 18 anos de idade. Caracterizada pela passagem evolutiva da infância para a idade adulta, é um período de muitas mudanças significativas e onde o adolescente começa a situar o seu “eu” em relação ao mundo exterior. É

particularmente um período de procura, crítica, de decisões e de consolidação da identidade.

Piaget dividiu e categorizou o desenvolvimento humano em diferentes estádios, arrumando a fase da adolescência, no estágio da **Operações Formais** (11-17 anos) . Neste fase existe uma clara diferenciação do pensamento infantil, manifestando-se o crescimento do pensamento racional e abstrato. A razão passa a ser usada para se relacionar com a realidade e entendê-la. O alargamento do pensamento ( metacognição) é uma característica destacável desta fase, levando o adolescente a obter uma consciência mais abrangente de si mesmo e dos outros ao seu redor. Esta consciência é também de ajuda ao desenvolvimento de um posicionamento crítico e autocrítico, absolutamente indispensável para a formação da identidade pessoal do adolescente (Sprinthall & Sprinthall, 1993).

### **3.1 O adolescente e o desenvolvimento artístico**

Lowenfeld caracteriza o período da adolescência como a **etapa da decisão**. Este é um período bastante importante e propício para uma aprendizagem artística mais consciente e intencional. Visto que nesta fase, para o adolescente “a arte torna-se um produto de esforço consciente” (Lowenfeld & Brittain, 2006). O desenvolvimento estético do adolescente está em plena evolução, junto com a sua capacidade cognitiva, de raciocínio formal e de juízo crítico. É também por isto que é necessário, nesta fase, uma especial atenção para o fator *Motivação*, pois esta tende a diminuir , à medida que a capacidade de autocritica leva o aluno a posicionar o seu trabalho e a compará-lo com outros. O seu juízo estético é já amolgado pela conceção e percepção do conceito de Belo (Sprinthall & Collins, 1998).

Nesta fase é importante o aluno ter sentimentos gratificação pessoal, que promovam a autoconfiança, face à prática artística. Isto deve ser fomentado pelo professor através de uma escolha criteriosa dos projetos de trabalho que apresenta ao aluno. É importante haver uma finalização, um objeto resultante, que produza satisfação no aluno. Pois este tende a dar mais importância à satisfação resultante face a um resultado aprovado, do que à experiência de envolvimento durante o processo artístico,

embora este último também seja considerado. As tarefas e atividades propostas pelo professor devem ter objetivos bem definidos e explícitos para o aluno e de alguma forma fazerem sentido lógico nas suas perspetivas. O professor deve estar atento a estas necessidades ao criar situações de trabalho que promovam o desenvolvimento e a expressão artística do aluno. Para isto é também importante promover em simultâneo a troca de ideias em grande grupo e oportunidades de trabalho individual isolado (Lowenfeld & Brittain, 1977).

### **3.2 O Adolescente e a Motivação**

Um dos principais desafios do professor e do educador é promover a motivação intrínseca da aprendizagem, o amor pela aprendizagem. (Sprinthall & Sprinthall, 1993). Independentemente das áreas de aprendizagem, este é um desafio em geral dos sistemas educativos. O prazer pela descoberta é indispensável na construção do ser humano. Cabe ao professor, (embora não apenas a ele) preparar o aluno a ter abertura para a aprendizagem, levando-o à ação e por consequência à autossatisfação. É natural que esta seja uma preocupação para muitos professores, a de promover o interesse e a motivação intrínseca dos seus alunos.

Rubem Alves, pensador e educador brasileiro no seu discurso defensor e apologista da escola moderna dá alento a todos aqueles que têm a mesma preocupação relativa ao que fazer para despertar o interesse dos alunos e a sua motivação. Os mesmos que apoiam um sistema baseado no “aprender a aprender” e na motivação como chave para a aprendizagem. (Rubem Alves, sem data)

Rubem Alves fala de seres independentes e autónomos, de uma aprendizagem livre, de crianças alegres e professores felizes. Seres que se tornam indivíduos pensantes e proactivos numa sociedade que precisa de seres intervenientes, capazes de partilhar e de dar novas mais valias a uma sociedade composta por seres independentes e únicos (Alves, sem data). Também nos chama à atenção para a arquitetura e estrutura das escolas, mais especificamente para as salas de aula, defendendo que as salas de aula servem para separar as crianças em grupos segregando-as umas das outras. Por que é assim? Tem de ser assim? Não existirá uma outra forma de organizar o espaço que

permita a interação e cooperação entre crianças de idades diferentes, tal como acontece na vida? (Rubem Alves, *in* As Perguntas Fundamentais).

Vygotsky destacou também a importância da organização das salas de aula. Para Vygotsky essencialmente, o ser humano desenvolve-se mediante a interação com o meio social. Desenvolve-se dentro de um triângulo caracterizado pelo Sujeito, o Objecto e o Outro. Ou seja, “para Vygotsky educar é nutrir possibilidades relacionais” (Tunes, Tacca & Bartholo Júnior, 2005). O contexto social promove aprendizagem e esta conduz ao desenvolvimento. Para Vygotsky a sala de aula, era um elemento importante no que ele chamava de Zona de Desenvolvimento Proximal, visto que para ele as salas de aula representam organizações sociais (Moll, 2002). Tanto para Vygotsky como para Pierre Bourdieu a sala de aula tem uma enorme importância ao nível da sua dimensão social, visto que ela produz a própria sociedade, ao usar os mesmos símbolos existentes na natureza e sociedade.

Estas condições proporcionavam com frequência “experiências de fluxo”, ou seja como diz Arends (1995) sobre a teoria de Mihaly Csikszentmihalyi (1990) “momentos que vivenciam um grande envolvimento e concentração totais e fortes sentimentos de prazer”. Este é também o tipo de experiência característica do ato de desenhar e da sua aprendizagem. Momentos de grande envolvimento em que “o agente e ação se tornam um só” (Csikszentmihalyi, 1990).

Outro ponto a destacar é referente à sala de aula e sua estrutura. Como refere Arends “as características da sala de aula são aspetos distintivos que ajudam a moldar o comportamento”, e “os estudos sobre o ambiente da sala de aulas revelam que a motivação e a aprendizagem do estudante são influenciadas pelos tipos de processos e estruturas que os professores criam em determinadas salas de aula” (Arends, 1995).

Sem dúvida muitos são os casos que evidenciam as vantagens de uma estrutura de sala de aula adaptada ao contexto de cada disciplina, de forma a valorizar o ensino-aprendizagem de conteúdos programáticos específicos.

Consequentemente, o nível de autoestima é desenvolvido, pois como diz Arends a propósito do conceito motivação, “a autoestima dos alunos está ligada à competência,

afiliação e influência. (...) e quando isto é frustrado pelas atividades na sala de aula, os alunos sentem-se menos envolvidos, e os professores sentem-se incompetentes, isolados e impotentes” ( Arends, 1995).

### **Nota conclusiva**

Embora a organização escolar mude, os alunos mudem, os conceitos apresentados ajudam-nos a perceber que ainda que se exige flexibilidade e adaptação, as bases de ensino do Desenho continuam a ter de ser consideradas. De igual forma o adolescente (ou o aluno) tende a ter padrões de desenvolvimento semelhantes, independentemente da época e contexto. A margem de manobra do professor situa-se exatamente no espaço de atuação da flexibilidade e adaptação. Uma das vantagens no ensino atual do Desenho, é a oportunidade de usar e cruzar diferentes metodologias (já exploradas ao longo de épocas anteriores) em adaptação às características do aluno, do contexto e da estrutura escolar em que se insere, nos diferentes anos letivos.

A unidade de trabalho desenvolvida teve como objetivo cruzar diferentes metodologias, algumas das quais apresentadas acima, embora adaptadas para o desenvolvimento de um único projeto, a apropriação de uma obra da artista Paula Rego, utilizando a técnica de pastel a óleo.

## **PARTE II - METODOLOGIA**

### **1. Introdução à Unidade Didática**

A prática de ensino supervisionada teve início na Escola Secundária José Afonso, de Loures, visto que lecionei a disciplina de Desenho nesta mesma escola. O protocolo entre a Universidade de Lisboa já existia de anos anteriores.

A prática foi desenvolvida e inserida no contexto do grupo 600 de Artes Visuais, pertencente ao Departamento de Expressões, na disciplina de Desenho A, ao nível do 12.º ano de escolaridade.

O orientador de estágio foi o Professor Vítor Pinhão, membro do Conselho Geral de Escola, Diretor do Curso Profissional de Artes Gráficas e Diretor da turma 12º 5P do Curso Profissional de Artes Gráficas e da turma 12.º 5ºM do curso geral de Artes Visuais. A turma que acompanhei no âmbito da prática supervisionada foi o 12.º 5ºM. O Prof. Vítor Pinhão leciona as disciplinas de Design Gráfico (D.G.) e Desenho e Comunicação Visual (D.C.V.), do curso Profissional de Artes Gráficas e a disciplina de Desenho aos alunos do 10º, 11º, 12º ano do curso vocacional de artes.

A proposta apresentada para o desenvolvimento da Unidade de Trabalho, visava refletir e questionar a importância do cruzamento de diferentes métodos, no contexto da disciplina de Desenho. Não tendo como objetivo fazer uma extensa reflexão histórica, propõe-se assim, estabelecer uma relação entre diferentes métodos usados em alguns contextos escolares da atualidade. Tendo como ponto de partida e reflexão pragmática, o desenvolvimento de uma Unidade de Trabalho na disciplina de Desenho A, do 12.º ano de escolaridade da área de Artes Visuais.

As tarefas desenvolvidas nesta Unidade de Trabalho divididas em 13 aulas de 90 minutos, privilegiaram o desenho de observação e a apropriação, através da análise de uma pintura de um artista que privilegie em algum momento do seu processo de trabalho, o desenho de observação. Como referente foi escolhida a artista Paula Rego, pela sua relação com o desenho de observação e pelo uso da técnica de pastel a óleo.

A avaliação teve como base os critérios de avaliação definidos pela escola para o 12.º ano, no âmbito da disciplina de Desenho A. Os quais serão abordados mais à frente.

## **2.Caracterização do contexto escolar**

A Freguesia de Loures está geograficamente localizada, relativamente ao conjunto concelhio, numa zona central e intermédia, separando, a norte, um grupo de Freguesias com características rurais de um outro, a sul, com maior expressão económica no sector terciário, particularmente na área dos serviços, pequena indústria e comércio a retalho. Este facto, associado ao forte crescimento demográfico e económico registado na ainda jovem cidade de Loures, vem determinar uma fisionomia de transição que aglomera traços de uma atividade tradicional agrícola com os indícios, mais recentes, de uma acelerada terciarização, de que não se poderá dissociar o facto de nesta freguesia estar localizada a sede administrativo-jurídica do concelho.

A Escola situa-se na Rua da República e tem uma localização privilegiada, com ótima acessibilidade pedonal, viária (estrada nacional nº 8) e de transportes coletivos, o que permite que seja frequentada por uma população escolar proveniente das mais diversas áreas. A Escola Secundária Nº 1 de Loures foi criada no dia 26 de Maio de 1975 através do Decreto-Lei n.º 260 – B/75 e começou a funcionar a 17 de Outubro desse ano, data da nomeação da Comissão Instaladora, tornando-se a primeira Escola Secundária do Concelho de Loures. O edifício – projeto do arquiteto Armando Mesquita – começou a ser construído em 1949 e foi inaugurado em 1952. A Escola é constituída por dois edifícios tipo monobloco, num total de 5 pisos, com 14 salas normais, sendo a área de terreno de 4500 m<sup>2</sup> e a área de implantação de 1366 m<sup>2</sup>, sendo que as Artes têm salas específicas próprias. Em 1999, pelo despacho 1545/99 do gabinete do Senhor Secretário de Estado da Administração Educativa, a Escola passou a ter a designação de Escola Secundária de José Afonso.



## **2.1 Perfil da escola**

A escola oferece os graus de ensino, 10º, 11º e 12º anos de escolaridade. Com as seguintes ofertas de escola: Ciências e Tecnologias; Ciências Socioeconómicas; Línguas e Humanidades e Artes Visuais. Curso Profissional de:

Gestão e Programador de Sistemas Informáticos; Técnico de Secretariado; Técnico de Artes Gráficas.

Integram o corpo docente um total de 155 professores, sendo cerca 85% Professores são do Quadro de Nomeação Definitiva. Destes, 30 % são Professores Titulares e 70% Professores. O restante corpo docente é composto por professores de Quadro de Zona Pedagógica, Professores Contratados e Técnicos Especializados.

Existe ainda um professor de apoio educativo e uma psicóloga que exerce funções no Serviço de Psicologia e Orientação.

## **2.2 Instalações e Equipamentos - recursos educativos da escola.**

Os alunos da ESJA dispõem de diversos recursos educativos nomeadamente:

A Escola é constituída por dois edifícios tipo monobloco, num total de 5 pisos, com 14 salas normais, sendo a área de terreno de 4500 m<sup>2</sup> e a área de implantação de 1366 m<sup>2</sup>. No exterior existem pequenas áreas ajardinadas e um pátio para convívio.

A nível dos equipamentos e para além das salas normais e salas disponíveis para os diversos serviços, existem laboratórios de Física, Química, Biologia e Geologia, Matemática e Geografia. As áreas de Informática, Secretariado e Artes têm salas específicas próprias. Os Clubes possuem igualmente espaços próprios. A Biblioteca/Centro de Recursos dispõe de espaços de leitura, pólos de script, audiovisual e informática. Os alunos possuem uma ampla sala de convívio anexa a um bar e a uma sala polivalente. A escola não possui qualquer tipo de instalação própria para a Educação Física e Desporto Escolar socorrendo-se para o efeito de instalações alugadas, situadas nas imediações do edifício escolar.

### **2.3 Projeto Educativo da Escola Secundaria José Afonso**

O projeto educativo da ESJA é regulado para assegurar a coesão e dar coerência às atividades educativas, tendo em vista a promoção da qualidade do ensino/aprendizagem e do sucesso escolar. Neste sentido o projeto educativo de escola norteia as atividades escolares no sentido de; promover uma educação de qualidade que prepare os seus discentes para uma plena integração na vida ativa; conceber a educação como um processo global de formação do indivíduo; orientar a atuação dos docentes com base no humanismo científico e no respeito pela diversidade que permita; privilegiar metodologias de ensino assentes no desenvolvimento da autonomia e do espírito crítico, fazendo da escola um espaço de cultura; garantir a igualdade de oportunidades; promover um espaço dinâmico, gerador de inovação e de autonomia; ou seja um processo em construção.

Neste sentido, foi sempre a minha intenção, enquanto professora contratada e estagiária, promover metodologias ativas que reforçassem os hábitos de trabalho facilitadores da interdisciplinaridade e da transversalidade de aprendizagens e conhecimentos.

### **2.4 Metodologias de Ensino–Aprendizagem**

A escola retrata um contexto social complexo com uma diversidade de necessidades, de interesses e de ritmos de aprendizagem dos alunos. O produto final visado é fundamentalmente a melhoria das aprendizagens e, em consequência, dos resultados.

Assim sendo, o ensino-aprendizagem deve centrar-se nos alunos: no erro, no questionamento, na pesquisa, na investigação, na resolução de problemas. A aquisição progressiva de conhecimentos só é relevante quando se integra num mundo mais vasto de aprendizagens. São as competências que permitem mobilizar os conhecimentos, aplicando-os nas diversas situações problemáticas.

A responsabilização dos alunos no ato de aprender é igualmente importante, devendo estes estarem conscientes que o processo é realizado com recuos e avanços,

mas sempre com base no empenhamento pessoal, na perseverança, na autonomia, desenvolvendo a solidariedade, a partilha e a tolerância no diálogo interpessoal.

Aos professores, conscientes das múltiplas competências que, atualmente lhes são exigidas, cabe criar ambientes propícios à aprendizagem, a projeção de propostas de trabalho desafiantes, sempre partindo, do concreto para o abstracto, do nível de conhecimento do “real” já interiorizado pelos alunos para um nível mais aprofundado.

Neste percurso, caberá igualmente aos professores, coordenar as atividades, incentivar o trabalho de grupo, a exploração da criatividade e a orientação e apoio na superação das adversidades. Nesta perspectiva, algumas técnicas devem ser valorizadas:

- Utilização da metodologia de projeto.
- Técnicas de motivação/dinamização.
- Trabalhos de pesquisa com tratamento de informação e posterior comunicação à turma do processo e resultados obtidos.
- Trabalhos práticos de aplicação, individuais e em grupo.
- Elaboração de portefólios e dossiês temáticos
- Exposições no espaço escolar e fora dele

## **2.5 Departamento de Expressões**

É composto pelo grupo 600 de Artes Visuais e pelo grupo 620 de Educação Física. O grupo de Artes Visuais tem 7 professores, sendo 4 deles titulares, 2 pertencentes ao Quadro e 2 contratados. As disciplinas do grupo de Artes Visuais (600) são Desenho A, História de Arte, Geometria Descritiva A, Oficina de Artes e Oficina Multimédia.

O grupo dispõe das seguintes instalações: duas salas de Desenho com estiradores, água corrente, armários e estantes para guardar trabalhos, duas prensas para gravura, forno de cerâmica e placares para exposição de trabalhos. Uma sala com dez computadores de apoio às disciplinas de Desenho e Oficina Multimédia.



Fig. 1 a 4 – Ambiente em sala de aula

### 3. Caracterização da turma

A turma de 12.º ano era constituída por 7 alunos, sendo 3 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos. O número de alunos reflete a dinâmica que acompanhou a turma desde o 10ºano, onde alguns alunos anularam a matrícula, mudaram de curso, ou ficaram retidos a completar disciplinas de anos anteriores. Estes alunos demonstraram ser bastante empenhados e participativos, respondendo proactivamente, não só às exigências da unidade de trabalho que lhes foi proposta por mim, mas também a todas as propostas apresentadas ao longo do ano.

Os alunos sendo oriundos de diferentes partes do concelho de Loures, eram também provenientes de diferentes meios sociais e económicos.

No geral os alunos apresentaram uma enorme capacidade de concentração e de concretização do que lhes era solicitado, respondendo com entusiasmo, criatividade e grande domínio técnico.

#### **4. Apresentação da Unidade de Trabalho**

Não tendo como objetivo fazer uma extensa reflexão histórica, propõe-se estabelecer uma relação (à luz da evolução histórica) entre diferentes métodos, (principalmente o método da cópia, o método académico, o método natural e o método expressionista) usados em alguns contextos escolares da atualidade. Tendo como ponto de partida e reflexão pragmática, o desenvolvimento de uma Unidade de Trabalho na disciplina de Desenho A, do 12.º ano de escolaridade da área de Artes Visuais.

As tarefas desenvolvidas nesta Unidade de Trabalho divididas em 13 aulas de 90 minutos, privilegiaram o desenho de observação e o método da cópia, através da análise de uma pintura de um artista que privilegia em algum momento do seu processo de trabalho, o desenho de observação. A tarefa apresentada requereu numa primeira fase, a cópia ou apropriação dessa pintura, tendo em conta os métodos, as técnicas e os materiais usados pelo artista. Numa segunda fase, é requerido a criação de novos elementos visuais, usando como referente um elemento apropriado da obra analisada. Tendo como objetivo criar uma nova composição, percorrendo o mesmo processo do artista, ou seja, usando a realidade manipulada como referente para o imaginário. Com destaque para os procedimentos requeridos no desenho de observação, partindo de um referente tridimensional para o bidimensional, ou do bidimensional para o bidimensional.

Pretendeu-se com estas estratégias confrontar alguns métodos de ensino, e perceber como dar ênfase a uns em detrimento de outros, mediante as necessidades e contextos escolares. Possibilitando também, uma autoanálise e autodefinição do perfil enquanto docente, e ao mesmo tempo testar diferentes métodos de ensino e aprendizagem que se adequem às realidades e às constantes mudanças na nossa sociedade.

A Unidade de Trabalho foi pensada de forma a obedecer e a contextualizar três frentes, as propostas do programa da disciplina de Desenho A, para os níveis do 11º e 12º anos de escolaridade, a Planificação anual da escola para a disciplina de Desenho A (Ver Anexo I), e as necessidades de resolução de alguns exercícios que por vezes são contemplados no Exame Nacional de Desenho A.

A escolha da artista Paula Rego como ponto referencial deveu-se ao fato da sua obra privilegiar dois aspetos fundamentais na estrutura desta Unidade: o desenho de observação e o domínio da técnica a pastel de óleo (material riscador, o seu domínio é contemplado no ensino do Desenho).

#### **4.1 Metodologia na unidade de trabalho**

As estratégias desenvolvidas pretendem contextualizar a importância do método da apropriação e o seu fundamento no ensino-aprendizagem da disciplina de Desenho. Ao mesmo tempo, pretendeu-se refletir sobre diferentes métodos aplicados dentro da sala de aula, criando diversas relações e enunciando problemas referentes à observação, apropriação, técnica, sistematização, sugerindo também a observação como referente do imaginário. Por isso como exemplo, foi escolhida a obra da artista Paula Rego, numa perspetiva de aprofundar conhecimentos sobre obras e processos de trabalho no campo artístico.

É de grande importância que os alunos possam atingir alguns **objetivos** tais como:

- Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.
- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.
- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.

O aluno deverá ser capaz de:

- aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correção e a criar imagens novas.
- Estará em evidência a capacidade de síntese, quer por tratamento da soma de experiências e de esboços analíticos prévios, quer por aplicação de princípios, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstratas.
- Pressupõe o exercício de sentido crítico, de método de trabalho e a integração num projeto que responda a necessidades da pessoa e do seu contexto, estando implicado o estabelecimento prévio de uma base de conhecimentos que qualifiquem informadamente as respostas.

A nível das **competências** a desenvolver pressupõe-se que os alunos tenham vindo desde o 10ºano a aprofundar e a desenvolver de forma construtiva, de forma a poderem manifestar competências tais como:

- Explora diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, mostrando gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.
- Utiliza fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.
- Relaciona-se responsavelmente dentro de grupos de trabalho adotando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiossincrasias e posições discriminatórias.
- Respeita e aprecia modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.
- Desenvolve capacidades de avaliação crítica aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.
- Domina diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.
- Desenvolve a sensibilidade estética e adquiriu uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.

Ao longo da atividade foram requeridos alguns **materiais**, os quais grande parte dos alunos já possuía, tais como grafites, pastel de óleo, papel vegetal e papel A2 e A3. Estes materiais fazem parte da lista de material requerida, parte no início do ano, e outra parte, ao longo do ano. Este é também parte do material que os alunos devem ter em conta, a fim de levar para o exame nacional de Desenho A.

Os **recursos didáticos** necessários foram todos disponibilizados pelo grupo de Artes Visuais. Foram usados computadores, projetor de vídeo para a apresentação em PowerPoint sobre a artista Paula Rego e alguma bibliografia provida por mim, tal como o livro *Paula Rego*, de John McEwen.

A **avaliação** utilizada tem como base os critérios de avaliação decididos pelo grupo de Artes Visuais, para a disciplina de Desenho. A qual está incide em três tipos de instrumentos:

**“Avaliação Diagnóstica:** será constante ao longo do ano a partir das observações feitas durante as aulas e dos exercícios práticos de desenho (no início do 1º Período um exercício de desenho diagnóstico inicial, no meio de cada período um exercício de desenho tipo exame para detectar dificuldades que forem surgindo).

**Avaliação Formativa:** A avaliação formativa incidirá sobre os progressos e as dificuldades dos alunos evidenciados através do comportamento e trabalho feito durante as aulas pelo aluno (a), da constituição e organização dos portefólios. As observações registadas (qualitativas) servirão unicamente para melhorar estratégias de aprendizagem individualizadas ou de grupo.

**Avaliação Sumativa:** São adoptados como instrumentos de avaliação sumativa: o portefólio, a colecção de trabalhos efectuados pelo aluno segundo o propósito, o tema da unidade didáctica e num período temporal (ex: os trabalhos realizados ao longo dos períodos lectivos). Exibe esforço, progresso e resultados em mais do que uma área; inclui reflexões críticas e justificação de tomada de decisões; provas de carácter prático ou teórico/prático serão sempre exercícios de desenho do tipo da prova de avaliação externa (exames de desenho) e servirão sobretudo como indicadores de progresso na



aprendizagem e das competências adquiridas, mas também como simulação para preparar os alunos para situações de exame” (Ver Anexo II).

Foram, portanto, seguidos os **critérios de avaliação** que se baseiam na seguinte divisão:

. A concretização de práticas .....	40% $\approx$ 80 pontos
. A aquisição de conceitos .....	35% $\approx$ 70 pontos
. O desenvolvimento de valores e atitudes .....	25% $\approx$ 50 pontos

## **4.2 Descrição por fases de trabalho**

### **1ª fase – Duração: 2 blocos de 90 minutos**

Nesta fase foi feita uma introdução e contextualização da obra da artista Paula Rego e a técnica de pastel a óleo. Foi apresentado um PowerPoint com dados biográficos de Paula Rego. Foi conduzida uma discussão em grande grupo sobre a obra da artista e as suas características. Em seguida sugeriu-se uma atividade de preparação aos alunos com a utilização do pastel a óleo. Cada aluno recebeu um fragmento de uma imagem de umas das obras de Paula Rego (ver Anexo V), que usaram como referente para cópia, ao mesmo tempo que exploraram a técnica de pastel a óleo. Os alunos puderam acrescentar novos elementos à imagem, completando a composição de forma expressiva e criativa.

### **2ª fase - Duração: 1 bloco de 90 minutos**

Nesta fase procedeu-se à escolha de obra referenciais e à montagem de nova composição. Os alunos fizeram a sua própria pesquisa na internet e também a edição de imagens. Com a opção de introduzir novos elementos na imagem, sejam elementos retirados de outras obras da autora, ou introduzidos de outras fontes (os alunos tiveram a oportunidade de recorrer ao desenho de observação de modelos tridimensionais que decidiram introduzir). Foram acompanhados por discussão e orientação sobre os seus critérios de seleção e de manipulação de imagem.

**3ª fase** – Duração: 8 blocos de 90 minutos

Nesta fase deu-se início ao processo de impressão da composição criada graficamente e em seguida passagem dos elementos estruturais para folha A3. Com base nesta estrutura os alunos começaram a explorar o pastel de óleo com base no referente escolhido. Esta foi a fase de concretização do trabalho, onde foi exigida atenção ao detalhe e muita experimentação auxiliar do material a usar.

**4ª fase** – 2 blocos de 90 minutos.

Nesta fase dedicou-se algum tempo para a auto avaliação, onde os alunos puderam apresentar em primeiro lugar, os registos de todas as fases de trabalho e o trabalho final. Deveriam também fazer uma análise dos desafios, dificuldades e concretizações, ao longo do projeto. Como base nesta autoanálise detalhada os alunos poderiam assim fundamentar os seus critérios para a auto avaliação. Após isto cada aluno teve acesso aos resultados da avaliação referente à observação em aula. Toda a avaliação terá como base os critérios de avaliação propostos pelo Departamento de Desenho para a disciplina de Desenho A (Ver Anexo II).

### **4.3 . Descrição das aulas**

#### **Aula 1 e 2:**

A primeira aula teve início na única sala de Desenho (que está dividida em 3 áreas, 2 salas com mesas e estiradores e uma área com computadores e impressoras) e de Oficina de Artes que é comum aos três níveis de escolaridade, 10º, 11º e 12º ano. Para a apresentação em PowerPoint foi usado o projetor que existe para o uso dos professores daquela sala. Os alunos tiveram reações diversas ao trabalho da artista, mas sendo comum a opinião sobre a forma exímia com que ela usa a técnica de pastel de óleo. Pude perceber que os alunos estavam aptos para apreciar diferentes modos de expressão, para além de fazerem diversas tentativas de justificar as suas opiniões para além do “não gosto”. Todos os alunos já tinham tido contato com a obra da artista, embora não conheçam muitos detalhes sobre a obra dela, nem tenham visto as obras ao vivo. Os alunos mostraram alguma preocupação face ao uso do pastel de óleo, visto que

todos já tinham explorado a técnica antes mas achavam que os resultados não foram muito satisfatórios. No final da apresentação sobre a Paula Rego, os alunos foram lembrados das exigências tecnológicas do pastel a óleo. Em seguida foi distribuído a cada aluno um detalhe de uma das obras de Paula Rego (*Celestina's House*, 2000 – Ver Anexo V), com o objetivo de copiarem aquele fragmento e usarem o pastel de óleo. Os alunos sentiram-se bastante à vontade nesta exploração descomprometida do material. Ao copiarem o pormenor tiveram contato com a forma da artista usar o material, e em seguida puderam introduzir novos elementos usando o mesmo método apreendido. Com este exercício percebi que os alunos em geral tinham capacidade de se motivarem face a novos desafios e problemáticas mostrando assim estarem capacitados para explorarem diferentes registos gráficos.

### **Aula 3:**

Nesta aula cada aluno usou um dos computadores para pesquisar imagens da obra de Paula Rego. Antecipadamente foram sugeridas diferentes exemplos de obras da artista em que ela usou a técnica de pastel de óleo. No início, os alunos tiveram alguma dificuldade na seleção das imagens, mas devido ao acompanhamento e à discussão em relação aos critérios de seleção que deveriam seguir, as dificuldades foram-se dissipando. Muitos acabaram por achar divertido as junções e as relações que poderiam fazer ao criar uma nova composição, outros ainda acederam ao desafio de introduzir outros elementos com base na observação de um modelo tridimensional (recorrendo ao processo usado pela artista). Pode ser observado um grande entusiasmo por poderem exercitar com um certo grau de autonomia a escolha das imagens e a manipulação da composição. Este entusiasmo foi também motivado pela interrupção, no curso habitual das aulas de Desenho, pela possibilidade de usarem o computador para executar esta fase do trabalho.

### **Aula 4 a 11:**

Após a seleção e a edição de uma nova composição os alunos puderam imprimir as imagens, que seriam então usadas como referente. A partir dessas imagens, passaram a estrutura da composição para uma folha A3 com margem. Antes de iniciarem os alunos foram fazendo várias experiências e testes de cor com o pastel de óleo.

Demonstraram ao longo destas aulas uma atitude surpreendentemente entusiasta, proactiva e com grande capacidade de resolução técnica, mesmo perante o desafio de uma técnica que não dominavam muito bem. Alguns alunos expressaram que o exercício inicial de copiar um detalhe da obra e de poder experimentar o pastel de óleo com alguma liberdade, deixou-os mais à vontade face à atividade proposta. Por outro lado, notou-se que a prática anterior, em outras atividades, em que usaram também a cópia segundo um referente bidimensional, ajudou-os a ter mais confiança em relação a este exercício. Através destas estratégias os alunos puderam desenvolver uma atitude motivada face ao ato de desenhar, manifestando um sentimento de autoeficácia.

Ao longo destas aulas os alunos demonstraram grande concentração na execução dos exercício nos seus diferentes passos, algo proporcionado não só pela prática disciplinar já anteriormente fomentada pelos professores de Desenho, e seguida por mim, no contexto das aulas que fui gerindo (são notadas grandes diferenças no que diz respeito às praticas disciplinares noutros contextos escolares, onde as aulas de Desenho tendem a ser encaradas pelos alunos com uma descontração excessiva), mas também pelo número de alunos, e pelo ambiente da sala de aula e a sua disposição.

Durante o processo de desenvolvimento, no final de cada aula os trabalhos eram expostos nos quadros de cortiça dispostos na sala de aula para o efeito, de forma que todos os alunos pudessem ver a evolução dos trabalhos e discuti-los com os colegas. Esta dinâmica, não necessitou da minha intervenção para criar diálogo e discurso crítico, pois os alunos encararam esta situação com naturalidade e criavam espontaneamente os seus discursos. Nesta situação pude observar que os alunos exercitavam o seu discurso crítico, manifestavam sensibilidade estética, discutindo aspetos dos trabalhos dos colegas, tais como a expressão do grafismo, o domínio da técnica, fidelidade no que diz respeito à cópia. Por outro lado, era comum criar efeitos positivos nos alunos das turmas do 10.º e 11.º anos, que utilizavam a mesma sala de aula (Ver Fig. 1 a 4). Com agrado, tive muitas vezes a oportunidade de presenciar o entusiasmo dos alunos do 10.º ano, sempre que entravam na sala de aula, de ficarem os primeiros minutos da aula a observar e a discutir as diferentes fases do processo, e ansiosos por verem a obra finalizada. Pude assim concluir, que esta simples ação de expor os trabalhos durante as fases do processo (e não apenas quando finalizados)

ajudou outros alunos a desenvolverem discursos críticos e adquirem conhecimento técnico por meio da observação.



Fig. 5 e 6 – Esboços preparatórios

### **Aula 12 e 13**

Estas aulas foram dedicadas à avaliação qualitativa e a auto avaliação. Os alunos tiveram a oportunidade de apresentar todas as fases do processo, de refletir sobre as diferentes fases e de fundamentarem assim a sua auto avaliação. Cada aluno teve cerca de 15 a 20 minutos para fazer a sua apresentação. Esta situação é de grande importância, não só porque estimula os alunos à auto consciência e desenvolvimento de sentido crítico, mas também porque prepara os alunos para as fases à frente, enquanto alunos universitários. Embora, alguns alunos expressassem certo nervosismo, admitiram que ao refletirem oralmente e publicamente, ajudou-os a ter uma visão mais justa dos resultados obtidos.

Após as apresentações os alunos tiveram acesso aos resultados da avaliação formativa, realizada ao longo do processo e desenvolvimento da unidade.

Tanto a avaliação formativa, como a sumativa foram realizadas segundo os critérios da escola para a disciplina de Desenho A. Os resultados obtidos foram muito homogêneos, sem grandes disparidades, os alunos obtiveram classificações entre o Bom e o Muito Bom.

#### **4.4 Avaliação**

O tipo de avaliação usada foi principalmente formativa e sumativa. A avaliação formativa foi sendo feita ao longo do processo decorrente durante o desenvolvimento da unidade de trabalho. Incidiu especialmente na atitude que os alunos demonstraram e o tipo de dificuldades e progressos que manifestaram durante o processo de trabalho. No seu geral os alunos demonstraram uma atitude de interesse, entusiasmo e autonomia na resolução de problemáticas. Mostraram capacidade de organização de tempo face às exigências do trabalho nas suas diferentes fases, sendo também notável que os alunos trabalharam num ritmo conjunto. Não havendo alunos demasiado atrasados em relação a outros.

A avaliação sumativa teve em conta o portfólio final e a apresentação do mesmo face ao restante da turma. Os alunos responderam às exigências, evidenciando um discurso autocrítico e de consciência face aos critérios pretendidos. Conseguiram também identificar as dificuldades sentidas e quais as estratégias que os ajudaram na resolução.

#### **4.5 Análise dos resultados finais**

Os resultados finais foram considerados em geral no âmbito do Muito Bom, os alunos corresponderam à maior parte dos critérios de avaliação de uma forma muito satisfatória, tanto ao nível da prática como da aquisição de conceitos e da demonstração de atitudes de valores. Com relevância e destaque para o seu domínio tecnológico nas diversas áreas do desenho.



Figs. 7 e 8 – Trabalhos finais dos alunos

No que diz respeito à avaliação das **práticas** observou-se que os alunos obtiveram resultados bastante satisfatórios ao:

- demonstrarem domínio na utilização dos suportes, técnicas e materiais usados, nas diversas fases do trabalho, seja no uso do pastel de óleo, seja no domínio da manipulação digital.
- Cuidarem na estruturação e organização formal e cromática, no enquadramento e também nos processos de transferência.
- Mostrarem capacidade de análise e representação de objetos do mundo visível (bidimensionais e tridimensionais).
- Demonstrarem invenção criativa na forma como conduziram o processo de trabalho e dominaram a imagem e conduziram o processo de desenvolvimento de expressão gráfica.
- Dominarem o uso de novas tecnologias e a sua aplicação às tarefas e processos do desenho.

Quanto à **aquisição de conceitos** destacou-se:

- A capacidade de verbalizarem e dominaram o vocabulário específico da área do desenho, com a exceção de alguns alunos que não conseguiam verbalizar tão bem.
- Mostraram conhecer e valorizar o papel desempenhado pelo sujeito observador durante os vários momentos do trabalho.

Nas **atitudes e valores** reconheceu-se:

- Espírito de observação e atenção visual (seja na análise à obra de Paula Rego, como também nas decisões que fizeram durante todo o processo), e adquiriram hábitos de registos metódico evidenciado no cuidado e domínio no uso do pastel de óleo.
- Capacidade de autoavaliação segundo os objetivos e critérios planeados para esta unidade de trabalho, os quais lhe foram apresentados na primeira aula da unidade e lembrado ao longo das diversas fases de trabalho.
- Iniciativa e participação entusiástica mesmo perante desafios e problemáticas.

O nível de sucesso destes alunos na resolução desta atividade levou-me a questionar os diferentes fatores que contribuem para o nível de trabalho encontrado, não só nestes alunos em questão, durante o desenvolvimento desta unidade, em particular, mas também nos restantes alunos de Desenho, nesta escola.

Existe um conjunto de fatores que contribuem para este caso, começando pelos professores do Departamento de Desenho, passando pelo número de alunos, até à **sala de aula**. Em algumas reuniões de Departamento era comum, um dos pontos de discussão, ser a estrutura da nova escola, nas obras de reformulação. Com especial interesse para as condições das novas salas de Desenho. Este tópico levou-me a refletir sobre as condições da atual sala de aula, e à luz das teorias de Vygotski e de Arends, já referidos acima, percebi que o sucesso dos alunos se deve em grande parte ao contexto específico daquela sala de aula, a qual foi organizada de forma a promover o diálogo e o contacto visual com o professor e restantes colegas, tais como os trabalhos de cada colega. Para além disso, os alunos usam esta sala desde o seu 10.º ano, com a vantagem de terem acompanhado os processos de trabalho dos anos posteriores, desde então. O que os ajudou desde cedo a desenvolver o seu sentido crítico e à criação de uma identidade estética. A sala é relativamente pequena daí ser imprescindível a divisão das turmas para se poder lecionar a disciplina de Desenho A. Fator este, que contribuí para o sucesso dos alunos face as tarefas do desenho.

Outro ponto analisado, através da Planificação Anual da disciplina de Desenho A para os diferentes níveis de escolaridade, foi o fato de se privilegiar como estratégia



de ensino o uso da apropriação de imagens a partir de um referente bidimensional. Algo que ajuda os alunos a visualizar e a desmontar o processo de transferência de algo tridimensional (objeto) para o bidimensional (desenho). Com este método os alunos podem concentrar-se na aquisição de capacidades de domínio técnico e gráfico, obtendo resultados de imediato satisfatórios, que habilitam os alunos a desenvolverem um sentimento de autoeficácia e de motivação face ao desenho e às suas práticas. Como dizia um dos professores de Desenho desta escola, “os alunos ficam satisfeitos com os resultados e acham que sabem desenhar”. Esta confiança que adquirem logo nos primeiros exercícios do ano escolar, ajuda-os a aprenderem mecanismos gráficos que os ajudarão na resolução de outras problemáticas de maior exigência. Este sentimento criado nos alunos é também responsável, pela possibilidade de criar neles hábitos de trabalho, que por sua vez lhes transfere, senso de concretização e autoeficácia, mais uma vez. Todos estes fatores, refletem o que foi observado nos alunos, que é sem dúvida pouco usual, desde o seu poder de concentração, ao seu domínio técnico e aos resultados finais.

Foi de grande ajuda poder dedicar tempo, antes do desenvolvimento da unidade didática, para observar o ambiente escolar e comunicar com o restante corpo docente, de forma a aferir um diagnóstico das capacidades e necessidades a desenvolver com os alunos. Uma das necessidades diagnosticadas nestes alunos, tinha exatamente a ver com a capacidade expressiva e criativa, que no meu ponto de vista não tinha sido muito explorado nas unidades anteriores. Nas quais os alunos demonstravam apenas domínio no uso da grafite, carvão, aguarela num registo mais realista. Não observando atividades que explorassem a invenção criativa e a transformação expressiva de imagens. Daí que tenha objetivado esta unidade que contemplava, por um lado uma metodologia à qual eles estavam habituados e que dominavam, com certo grau de sucesso (o que iria motivá-los) que era apropriação de uma imagem a partir de um referente bidimensional. Mas que por outro lado, que requeria a introdução de um elemento de variação na qual os alunos podiam criar uma nova composição, dando-lhes oportunidade de demonstrarem invenção criativa e critério visual.

## ANÁLISE E REFLEXÃO

Esta unidade foi desenvolvida com uma turma do 12.o ano, composta por apenas 7 alunos. O que mostrou ser muito vantajoso para um acompanhamento mais direcionado e personalizado, e para o diálogo, não só entre professor-aluno, mas também aluno-aluno. Antes do desenvolvimento da unidade houve a possibilidade de observar os trabalhos desenvolvidos em unidades anteriores, dirigidos pelo professor cooperante. Esta situação foi bastante útil, num sentido de avaliação diagnóstica. Foi observado que os alunos já manifestavam um grande domínio técnico, na representação gráfica, principalmente no uso da grafite e do carvão. Com qualidades manifestadas ao nível do domínio do claro-escuro, da composição e estrutura, do controle de traço e mancha e de expressão gráfica (Ver Anexo VI).

Daí que, os alunos tenham demonstrado algumas preocupações iniciais, com a técnica a pastel de óleo, visto não ter sido uma tecnologia ainda muito explorada por eles. Mas a atitude dos alunos mostrou ser positiva e rapidamente tomaram iniciativa na resolução de problemas. No final, os alunos expressaram ter sido bastante útil e interessante a dinâmica das diferentes fases. Não sendo apenas uma cópia, tiveram a oportunidade de usar diferentes metodologias, como a cópia de pequenos detalhes, aprender a técnica a pastel de óleo, usar o computador e fazer montagens com a adição de novos elementos (que podiam ser resultantes do desenho de observação, se assim o desejassem), fazer apropriações e variações, tudo com objetivo direcionado de aprender a desenhar como a Paula Rego (esta descrição tem como base as palavras do alunos no momento da sua autoavaliação). Mostraram grande satisfação com os resultados finais, fator este que contribuiu mais uma vez para estes alunos se sentirem satisfeitos e positivos face às suas capacidades. Relembremos, que para o adolescente é muito importante o resultado final, havendo desistência ou incapacidade, quando este não concorda, nem valoriza os seus resultados. Diferentemente da criança que quando desenha, desenha porque o ação lhe dá prazer, esquecendo a imagem obtida no segundo que termina, o adolescente em oposição, obtém a sua satisfação de um bom resultado final, do que do prazer que a ação lhe proporcionou (Lowenfeld & Brittain, 2006).

Os resultados da avaliação sumativa estiveram em sintonia com a autoavaliação dos alunos, o que mostra alunos com capacidade crítica e autoconsciência bastante desenvolvida. Por outro lado, mais uma vez demonstrou que quando não existe disparidade entre uma avaliação e outra, isso produz contentamento e motivação nos alunos.

Ficou evidente que esta unidade deixou os alunos mais motivados pela aquisição de novos conhecimentos técnicos e conceptuais, e pela dinâmica das metodologias usadas, pela aproximação ao processo de trabalho de uma artista conceituada, e pelos resultados satisfatórios mesmo ao usarem um material, que os deixava com receios face ao insucesso. Alguns alunos haviam inclusive expressado preocupações, porque não sabiam usar bem o pastel de óleo, e poderia haver a possibilidade de este vir a ser um material exigido no exame nacional de Desenho A.

Foi também gratificante verificar, que após o desenvolvimento desta unidade, o professor cooperante pode dar continuação, por valorizar e explorar outras metodologias com as imagens resultantes (Ver Anexo VIII). Ação esta que valorizou os trabalhos que os alunos realizaram.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arends, R. I. (1997) *Aprender a Ensinar*. Tradução portuguesa. 1ª edição 1995. Lisboa: McGraw-Hill.

Arnheim, R. (1982) *El poder del centro*, Madrid, Alianza Forma.

Bahia, S. (2008) *Psicologia Educacional para professores de Artes*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da educação da Universidade de Lisboa.

Berger, J. (1996). *Modos de ver*. Lisboa: Col. «Arte & Comunicação» Edições 70.

Camp, J. (1982) *Dibujar con los grandes maestros*, Madrid: Blume.

Chaet, B. (1972) *Bernard. The art of Drawing*, Nova York: Holt, Rinehart and Winston, P. 253-261

Edwards, B. (1979) *The new Drawing on the Right Side of the Brain*. London: Hapercollins Publishers. 2001.

Efland, A. (1995). Change in the Conceptions of Art Teaching in NEPERUD, Ronald W. (ed.) – Context, content and community in Art education: beyond post modernism, New York: Teachers College Press.

Hockney, D. in Camp, J. (1982) *Dibujar con los grandes maestros*. Madrid: Blume.

Kovats, T. (2005) *The Drawing Book - a survey of drawing: the primary means of expression*, London, Black dog publishing Editorial

Lowenfeld, V.& Brittain, L. (2006) *O desenvolvimento da capacidade criadora*. Reimpressão.

Marques, A. P. (2005) *Didáctica do Desenho*, Apontamentos para os Alunos do Mestrado em Ensino das Artes Visuais. Lisboa: FBAUL.

Maslen, M. and Southern, J. (2010) *DRAWING PROJECTS an exploration of the language of drawing*, London, Black dog publishing

McEwen, J. (1992) *Paula Rego*, London, Phaidon.

Micklewritch, K. (2005) *Mastering the language of visual expression*. Laurence King Publishing.

Molina, J. J. G. (2001) *El Manual de Dibujo, estratégias de su enseñanza en el siglo XX*. Madrid: Cátedra. Col. Arte. Grandes Temas.

Nicolaides, K. (2008) *The Natural Way to Draw*, London, Souvenir Press

Olaio, A. (2006) *Desenho Percepcao e Investigacao Formal*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra

Padilla, R. (2007) *El Dibujo del Natural en la Epoca de la Postacademia*, Madrid, Ediciones Akal

Ramos, A., Queiroz, J.P., Barros, S., e Reis, V. (2001) *Desenho A 10o Ano, Curso científico-humanístico de artes visuais*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.

Ramos, A., Queiroz, J.P., Barros, S., e Reis, V. (2001) *Programa de Desenho A 11o e 12o Anos, Curso científico-humanístico de artes visuais*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.

Rocha de Sousa. (Sem data) *Desenho (Área de Artes Plásticas) IV Volume*. Lisboa: Coleção textos pré-universitários. Ministério da Educação.

Rodrigues, A. L. M.M. (2003) *O que é Desenho?* Lisboa: Quimera.

Simblet, S. (2005) *The Drawing Book*, London, Dorling Kindersley Book

Smith, R. (2003) *Manual Prático do Artista*, Porto, Dorling Kindersley – Civilização Editores.

Sousa, A. (2003) *Educação pela Arte e Artes na Educação*, 3.º volume Música e Artes Plásticas, Coleção Horizontes Pedagógicos, Lisboa, Instituto Piaget.

Sprinthal, N. & Sprinthal, R.(1990). *Psicologia Educacional: Uma abordagem desenvolvimentista*. Amadora: McGraw – Hill Portugal

Sprinthal, N. & Collins, W. A. (1988). *Psicologia do Adolescente: Uma abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Ruskin. J. (1971) *The Elements of Drawing*. New York: Dover Publications, Inc.1o edição 1857.

Vários, A. (2000) *Educacao Estetica e Artistica - Abordagens Transdisciplinares*, Lisboa, Fundacao Calouste Gulbenkian.

Vários, A. (2008) *El manual de Dibujo - Estrategias de su ensenanza en el siglo XX*, Madrid, Catedra.

Vygotsky, L. (1998). *O Desenvolvimento Psicológico da Infância*. São Paulo: Martins Fontes

Vygotsky, L. (1998). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes

## ANEXOS

## ANEXO I - PLANIFICAÇÃO ANUAL 12.ºANO DESENHO A



GRUPO 600 - PLANIFICAÇÃO DE  
DESENHO A - 12º ANO - 2010/2011

### OBJECTIVOS GERAIS

- Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.
- Conhecer as articulações entre percepção e representação do mundo visível.
- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.
- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.
- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.
- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.
- Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.
- Relacionar-se responsavelmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiosincrasias e posições discriminatórias.
- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.
- Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.
- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.
- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.

### OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

O aluno estará capaz de observar e registar com elevado poder de análise, tendo em atenção as singularidades presentes e a forma como estas se relacionam com outras, bem como a integração de todas num todo ou unidade decomponível em elementos estruturais. O aluno deverá, mercê do exercício da observação analítica, observar e registar com crescente aptidão: o quotidiano natural ou técnico, por meios manuais - riscadores e/ou de mancha - ou meios informáticos. Esta área é adequada para permitir o desenvolvimento das capacidades psicomotoras ao nível da aptidão adaptativa simples, composta, e complexa.

O aluno estará apto a aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correcção e a criar imagens novas. Estará em evidência a capacidade de síntese, quer por tratamento da soma de experiências e de esboços analíticos prévios, quer por aplicação de princípios, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstractas. Pressupõe o exercício de sentido crítico, de



*método de trabalho e a integração num projecto que responda a necessidades da pessoa e do seu contexto, estando implicado o estabelecimento prévio de uma base de conhecimentos que qualifiquem informadamente as respostas.*

*O aluno conseguirá ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas.*

*Esta competência pressupõe um domínio crescente nos processos de interpretação e de sentido assentes num “pano de fundo” culturalmente informado. A comunicação poderá dimensionar a disseminação da experiência, do meio próximo ao global e, ao mesmo tempo, constituir ocasião para a exploração de competências transversais no âmbito da cidadania.*

**1º PERÍODO - ≈ 47 Blocos**

### **CONTEÚDOS**

#### **Materiais**

*Suportes: papéis e outras matérias, propriedades do papel (espessuras, texturas, cores, resistência, estabilidade dimensional, permanência), formatos, normalizações e modos de conservação.*

*Meios actuantes: riscadores (grafite, carvão, pastel a óleo e afins), aquosos (apuros, aguada, aquarelas, diluentes, vernizes e afins) e seus formatos (graus de dureza, espessuras e modos de conservação)*

*Infografia: tipos de ficheiro gráfico, graus de compressão, número de cores, codificação da cor, captura de imagem, alteração de dimensão em pontos de ecrã.*

#### **Procedimentos**

*Técnicas*

*Modos de registo*

*Traço: natureza e carácter (intensidade, incisão, texturização, espessura, gradação, amplitude mínima e máxima do movimento, gestualidade)*

*Mancha: natureza e carácter (forma, textura, densidade, transparência, cor, tom, gradação)*

*Misto: combinações entre ponto, traço e mancha e experimentação de novos modos (colagem, colagem digital e outros)*

**2º PERÍODO - ≈ 40 Blocos**

### **CONTEÚDOS**

#### **Ensaio**

*Processos de análise*

*Estudo de formas*

- *Estruturação e apontamento (esboço)*
- *Estudo de formas naturais – o torso – anatomia e cânones, as mãos – anatomia*
- *Estudo de formas artificiais*

- *Estudo da cabeça humana (anatomia e cânones)*

### **Processos de síntese**

*Transformação Gráfica: ampliação, sobreposição, rotação, nivelamento, simplificação, acentuação, repetição, distorção e anamorfose*

- *Infográfica: utilização de filtros, articulação palavra/imagem, ensaios de paginação e impressão*
- *Invenção: criação de novas imagens para além dos referentes*

**3º PERÍODO - ≈ 28 Blocos**

### **CONTEÚDOS**

#### **Sintaxe**

*Domínios da linguagem plástica*

*Forma*

*Traçados ordenadores*

- *Regra de ouro*
- *Outros sistemas geométrico-matemáticos*

#### **Cor**

*Efeitos de cor*

- *Contrastes cromáticos: contraste de cor em si, contraste simultâneo, contraste claro-escuro, contraste quente - frio, contraste de qualidade, contraste de quantidade*
- *Pós-imagens e contraste sucessivo*

#### **Movimento e tempo**

*Organização dinâmica*

- *Localização: colocação, peso, equilíbrio, desequilíbrio, tensão*
- *Orientação: obliquidade, direcção, eixos, vectores*

*Organização temporal*

- *Ritmo: módulo, progressão, variação, repetição, intervalo*
- *Tempo: continuidade, descontinuidade, simultaneidade, duração, sequência, narração*

#### **Sentido**

- *Visão sincrónica do desenho*
- *Visão diacrónica do desenho*
- *Imagem: plano de expressão ou significante*
- *A imagem e a realidade visual: representação, realismo e ilusão*
- *A imagem como objecto plástico*

#### **Observador: plano de conteúdo ou significado**

- *Completude e incompletude: acabado e inacabado, determinado e indeterminado*
- *Totalidade e fragmento*

- Materialidade e discursividade

## ESTRATÉGIAS / ACTIVIDADES

Esta planificação segue as directrizes do programa de Desenho A para o 12º ano ([http://www.dgidc.minedu.pt/programs/prog\\_hom.asp](http://www.dgidc.minedu.pt/programs/prog_hom.asp)), todavia os conteúdos têm um carácter transversal e irão ser desenvolvidos e aprofundados ao longo do ano lectivo, em exercícios específicos que resultarão **do diagnóstico de competências supostas e adquiridas** e das características e especificidade da turma.

### PRIMEIRO PERIODO LECTIVO

Unidade de trabalho 1 - Desenho a grafite a partir de um modelo bidimensional  
avaliação

Unidade de trabalho 1a- Desenho a carvão a partir de um modelo bidimensional  
diagnóstica

Unidade de trabalho 2 - Introdução á ilustração científica - desenho a grafite, desenho a aquarela e técnica *stippling* a partir de um modelo tridimensional.

Unidade de trabalho 3 - Desenho a pastel de óleo a partir da síntese de um modelo bidimensional

Unidade de trabalho 4 - Introdução à infografia. Manipulação de imagens em suporte digital.

### SEGUNDO PERIODO LECTIVO

Unidade de trabalho 1 - Infografia (cont.) estruturação de um caligrama / poesia visual.

Unidade de trabalho 2 - Estudo do corpo humano a partir da análise e desenho a grafite de um manequim.

Unidade de trabalho 3 - Desenho a carvão do auto-retrato

### TERCEIRO PERIODO LECTIVO

Unidade de trabalho 1 - Elaboração com recurso à infografia de uma capa / ilustração para uma obra literária que integre o currículo geral do curso de Artes Visuais.

Unidade de trabalho 2 - Fragmentação dinâmica e temporal de uma imagem fotográfica

Unidade de trabalho 3 - Exercícios específicos de preparação para o exame de desenho A.

### CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO - síntese<sup>1</sup>

A avaliação é contínua e integra as modalidades formativas e sumativa.

São objecto de avaliação:

---

<sup>1</sup> Retirado dos processos integrados de avaliação/critérios de avaliação de Desenho A do Grupo 600 da ESJAL

- *A aquisição de conceitos .....· 35%*
- *A concretização de práticas .....· 40%*
- *O desenvolvimento de valores e atitudes .....· 25%*

*Relativamente aos conceitos, será considerado:*

- *O domínio dos conceitos constantes nos conteúdos programáticos,*
- *O domínio dos vocábulos específicos da área do desenho;*
- *O conhecimento e valorização do papel desempenhado pelo sujeito observador perante desenhos, imagens e objectos visuais·*

*Relativamente às práticas, haverá que considerar:*

- *O domínio de uma diversidade de suportes, em escalas e matérias diferenciadas, e suas potencialidades;*
- *O domínio de diferentes meios actuantes, procurando integrar o conhecimento da sua natureza específica, utilidade e adequações;*
- *O domínio de factores, processos e sistemas de estruturação e organização formal, cromática, espacial e dinâmica;*
- *A capacidade de análise e de síntese na representação de objectos;*
- *A utilização de novas tecnologias e sua aplicação às tarefas e processos do desenho·*

*Relativamente aos valores e atitudes, será considerado:*

- *A aquisição do espírito de observação e atenção visual e de hábitos de registo metódico;*
- *A autonomia e a capacidade de iniciativa;*
- *A capacidade de leitura e a interpretação crítica e autónoma de desenhos e imagens;*
- *A persistência na aprendizagem e o empenho no trabalho realizado;*

*São instrumentos de avaliação:*

- *Os desenhos, concretizações gráficas, ou objectos produzidos no âmbito da disciplina;*
- *Os textos eventualmente produzidos (relatórios, recensões, comentários, trabalhos, textos de reflexão, entrevistas);*
- *A concretização da disseminação junto da própria turma, escola ou meio (inclui-se aqui a materialização de exposições regulares ou pontuais, formais ou informais, pagina web, outras acções eventuais);*
- *Excepcionalmente produzir-se-ão provas com carácter prático·*

## ANEXO II – PROCESSOS INTEGRADOS DE AVALIAÇÃO – DESENHO A



AVALIAÇÃO – DESENHO A – 12º ANO

GRUPO 600 – PROCESSOS INTEGRADOS DE

### 1. Finalidades da Disciplina

Segundo os programas das Disciplinas de Desenho ( ver em [http://www.dgidec.minedu.pt/programs/prog\\_hom.asp](http://www.dgidec.minedu.pt/programs/prog_hom.asp)) :

- ☑ Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação.
- ☑ Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação.
- ☑ Promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania.
- ☑ Desenvolver o espírito crítico face a imagens e conteúdos mediatizados e adquirir, com autonomia, capacidades de resposta superadoras de estereótipos e preconceitos face ao meio envolvente.
- ☑ Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência.
- ☑ Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação.

### 2. Descritores para um Perfil de Excelência

1. Usa o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.
2. Conhece as articulações entre percepção e representação do mundo visível.
3. Desenvolveu modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.
4. Domina os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.
5. Conhece, explora e domina as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico revelando capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.
6. Explora diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, mostrando gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.
7. Utiliza fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.
8. Relaciona-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiossincrasias e posições discriminatórias.
9. Respeita e aprecia modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.
10. Desenvolve capacidades de avaliação crítica aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.
11. Domina diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.
12. Desenvolve a sensibilidade estética e adquiriu uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.

As competências apontadas não são atomizáveis em unidades discretas e o momento em que se adquirem não é determinável. Será de considerar que todos os alunos, no início do 10º ano, possuem de modo incipiente estas competências, em grau condizente com o seu nível e preparação; e que, no decorrer dos 10º, 11º e 12º anos, estas mesmas serão aprofundadas e aperfeiçoadas continuamente – quer para corresponder às exigências do prosseguimento de

estudos, quer para que sobre elas se alicercem práticas e competências futuras de nível avançado.

#### **A . Perfil de referência de Avaliação**

Dimensões	Mau (Entre 0 e 5 valores)	Insuficiente (Entre 6 e 9 valores)	Suficiente (Entre 10 e 13 valores)	Bom (Entre 14 e 16 valores)	Muito Bom (entre 17 e 20 valores)
<b>Observar e analisar:</b> observa e regista com crescente aptidão: o quotidiano natural ou técnico, por meios manuais – riscadores e/ou de mancha ou meios informáticos.	Observa sem concentração, regista sem poder de análise, Não compreende para que serve o desenho nem como funciona .	Observa com uma concentração muito reduzida , não se interessa regista com muitas dificuldades técnicas, Usa o desenho e os meios de representação como instrumentos registos simples Desenvolveu poucos modos de expressão e comunicação visuais. Não domina completamente os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.	Observa e regista com algum poder de análise, Usa o desenho e os meios de representação como instrumentos de registo simples Desenvolveu alguns modos de expressão e comunicação visuais utilizando com algumas dificuldades os diversos recursos do desenho. 4. Domina os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.	Observa e regista com poder de análise, Conhece as articulações entre percepção e representação do mundo visível. Usa o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento Desenvolveu modos de expressão e comunicação visuais utilizando com alguma eficiência os diversos recursos do desenho. Domina os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.	Observa e regista com elevado poder de análise, Conhece as articulações entre percepção e representação do mundo visível. Usa o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação. Desenvolveu modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho. Domina os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.
<b>Manipular e sintetizar :</b> - Capacidade de síntese, quer por tratamento da soma de experiências e de esboços analíticos prévios, quer por aplicação de princípios, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstractas; • Sentido crítico; • Domínio de um método de trabalho e a integração num projecto que responda a necessidades da pessoa e do seu contexto, estando implicado o estabelecimento prévio de uma base de conhecimentos que qualifiquem	Não está interessado em conhecer técnicas não tem sentido crítico, nem método de trabalho aparente . Não evidencia conhecimento nem exploração no âmbito do projecto visual e plástico Tem muitas dificuldades na utilização	Revela algum conhecimento sobre algumas técnicas mas não mostra interesse em as explorar , sem sentido crítico. Método de trabalho incipiente. Revela poucos conhecimentos e pouca exploração das potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico	Revela algum conhecimento sobre algumas técnicas e mostra interesse em as explorar , sem sentido crítico. Revela que pode usar um método de trabalho pessoal mas precisa de muita ajuda externa. Conhece, explora e domina as potencialidades do desenho no âmbito do	Revela que pode quando quer usar algumas técnicas adequadas ao seu projecto de trabalho com correcção , algum sentido crítico, método de trabalho adequado embora nem sempre cumpra o que se propôs fazer. Conhece, explora e domina algumas potencialidades	Aplica procedimentos e técnicas com adequação e correcção, excelente sentido crítico e método de trabalho exemplar Conhece, explora e domina as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico revelando

informadamente as  respostas.	de  metodologias planificadas mesmo com ajuda do professor. □ Relaciona-se mal dentro de grupos de trabalho.	revelando muitas  dificuldades na formulação, exploração e desenvolvimento. o. Explora muito pouco suportes, materiais, instrumentos e processos mas apenas quando lhe é pedido pelo professor. □ Tem dificuldades na utilização de metodologias planificadas mesmo com ajuda do professor. Relaciona-se com dificuldades dentro de grupos de trabalho adoptando por vezes atitudes pouco construtivas.	projecto visual e  plástico revelando algumas dificuldades na formulação, exploração e desenvolvimento. Explora alguns suportes, materiais, instrumentos e processos mas apenas quando lhe é pedido pelo professor. Utiliza metodologias planificadas com ajuda do professor. Relaciona-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiossincrasias e posições discriminatórias.	do desenho no  âmbito do projecto visual e plástico revelando algumas capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento. o. Explora alguns suportes, materiais, instrumentos e processos, mostrando gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias. Utiliza metodologias planificadas, com alguma iniciativa e autonomia. Relaciona-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiossincrasias e posições discriminatórias.	capacidades de  formulação, exploração e desenvolvimento. Explora diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, mostrando gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias. Utiliza fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia. Relaciona-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiossincrasias e posições discriminatórias.
Interpretar e comunicar • Domínio crescente nos processos de interpretação e de sentido assentes num “pano de fundo” culturalmente informado.	Não está interessado em comentar mensagens visuais. Não criou novas mensagens. Não evidencia nenhum	Revela muito pouco poder de interpretação de mensagens visuais. As mensagens criadas limitam-se e estereótipos.	Revela algum poder de interpretação de mensagens visuais. Cria mensagens a partir de outras com alguma originalidade em	Revela poder de interpretação de mensagens visuais . Cria novas mensagens com bastante originalidade em	Lê criticamente mensagens visuais de origens diversificadas Cria novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em

	<p>interesse pela apreciação de modos de expressão visual. Não revelou capacidades críticas nem esteve interessado em adquirir o mínimo de conhecimentos sobre apreciação estética</p>	<p>Tem dificuldades em apreciar modos de expressão diferentes, recorre frequentemente a preconceitos para fazer juízos de valor. Tem dificuldades em fazer avaliações críticas sobre o seu trabalho e sobre o trabalho dos outros.</p> <p>Tem dificuldades em compreender os diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir. Desenvolveu alguma sensibilidade estética e adquiriu alguma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de muito poucas obras relevantes</p>	<p>metodologias de trabalho faseadas . Respeita e aprecia modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.</p> <p>Desenvolve com muita ajuda do professor algumas capacidades de avaliação crítica aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros. Domina razoavelmente diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir. Desenvolve a sensibilidade estética e adquiriu alguma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de algumas obras relevantes.</p>	<p>metodologias de trabalho faseadas Respeita e aprecia modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos. Desenvolve algumas capacidades de avaliação crítica aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros. Domina diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir. Desenvolve a sensibilidade estética e adquiriu alguma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.</p>	<p>metodologias de trabalho faseadas Respeita e aprecia modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.</p> <p>Desenvolve capacidades de avaliação crítica aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros. Domina diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir. Desenvolve a sensibilidade estética e adquiriu uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



## B. Dispositivo de Avaliação

### Objectos de avaliação definidos pelo programa da disciplina:

A avaliação das aprendizagens dos alunos compreende as modalidades de avaliação formativa e avaliação sumativa. A avaliação formativa é contínua e sistemática e tem função diagnóstica, permitindo ao professor, ao aluno, e demais intervenientes no processo educativo obter informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens, com vista ao ajustamento de processos e estratégias. Nesta disciplina, a avaliação formativa deve exercer-se de forma a permitir captar a evolução do aluno, no que respeita aos trabalhos produzidos e aos processos utilizados nessas produções. A avaliação sumativa, para além das actividades próprias que possa envolver, deve ter em conta os dados de uma avaliação contínua.

Portanto a avaliação é contínua e integra as modalidades formativa e sumativa. São objecto de avaliação:

1. A aquisição de **conceitos**
2. A concretização de **práticas**
3. O desenvolvimento de **valores e atitudes**

Relativamente aos **conceitos**, deverá ser considerado:

1. O domínio dos conceitos constantes nos conteúdos programáticos, com especial incidência naqueles que são de aprofundamento e que constam do capítulo «sintaxe», e a sua correcta aplicação;
2. O domínio dos vocábulos específicos da área do desenho;
3. O conhecimento das condicionantes psico-fisiológicas da percepção e da representação gráfica;
4. O conhecimento e valorização do papel desempenhado pelo sujeito observador perante desenhos, imagens e objectos visuais, assente numa consciência dos factores que o estruturam e condicionam.

Relativamente às **práticas**, haverá que considerar:

1. O domínio de uma grande diversidade de suportes, em escalas e matérias diferenciadas, e suas potencialidades;
2. O domínio dos diferentes meios actuantes, integrando o conhecimento da sua natureza específica com a compreensão das suas diferentes utilidades e adequações;
3. O domínio de factores, processos e sistemas de estruturação e organização formal, cromática, espacial e dinâmica e sua articulação operativa na representação e expressão gráfica;
4. O domínio e aplicação de princípios e estratégias de composição e estruturação, compreendendo práticas de ocupação de página, enquadramento e processos de transferência;

5. A capacidade de análise e representação de objectos do mundo visível e o domínio, no campo dos estudos analíticos de desenho à vista, de proporção, escalas e distâncias, eixos e ângulos relativos, volumetria, configuração e pontos de inflexão de contorno, acompanhada do desenvolvimento de uma capacidade de síntese gráfica;
6. A demonstração de invenção criativa aplicada a imagens, formas, objectos e espaços, associada ao domínio de diferentes processos conducentes à sua transformação e ao desenvolvimento de expressividade gráfica.
7. A adequação da formulação gráfica à função, à audiência e à tecnologia de divulgação;
8. A eficácia técnica no uso dos recursos gráficos e construtivos;
9. A utilização de novas tecnologias e sua aplicação às tarefas e processos do desenho.

Relativamente aos **valores e atitudes**, deverá ser considerado:

1. O desenvolvimento do espírito de observação e atenção visual e a aquisição de hábitos de registo metódico;
2. A capacidade de definir, conduzir e avaliar o trabalho em termos de objectivos, meios, processos e resultados com a utilização pertinente de métodos planificados e faseados na abordagem a cada Unidade de Trabalho;
3. A capacidade de iniciativa, a participação e envolvimento no trabalho proposto e a integração interpessoal;
4. A capacidade de leitura e a interpretação crítica e autónoma de desenhos e imagens, acompanhada de consciência dos principais aspectos de ordem simbólica, estética e convencional que estruturam a sua informação e significado;
5. A valorização estética e a consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes;
6. O conhecimento e observância dos cuidados de segurança e de responsabilidade ecológica.

### **C. Instrumentos de avaliação**

**Avaliação Diagnóstica:** será constante ao longo do ano a partir das observações feitas durante as aulas e dos exercícios práticos de desenho ( no início do 1º Período um exercício de desenho diagnóstico inicial, no meio de cada período um exercício de desenho tipo exame para detectar dificuldades que forem surgindo )

**Avaliação Formativa:** A avaliação formativa incidirá sobre os progressos e as dificuldades dos alunos evidenciados através do comportamento e trabalho feito durante as aulas pelo aluno (a), da constituição e organização dos portefólios. As observações registadas (qualitativas) servirão unicamente para melhorar estratégias de aprendizagem individualizadas ou de grupo.

### **Avaliação Sumativa:**

São adoptados como instrumentos de avaliação sumativa :

- o portefólio, a colecção de trabalhos efectuados pelo aluno segundo o propósito, o tema da unidade didáctica e num período temporal (ex: os trabalhos realizados ao longo dos períodos lectivos). Exibe esforço, progresso e resultados em mais do que uma área; inclui reflexões críticas e justificação de tomada de decisões;
- provas de carácter prático ou teórico/prático serão sempre exercícios de desenho do tipo da prova de avaliação externa (exames de desenho) e servirão sobretudo como indicadores de progresso na aprendizagem e das competências adquiridas, mas também como simulação para preparar os alunos para situações de exame.

### **D. Critérios de Avaliação**

A qualidade do trabalho é julgada combinando avaliação subjectiva ou por impressão global e a avaliação referida ao critério. Os critérios devem ser utilizados como guias para avaliar e não de forma rígida. A classificação atribuída deverá equilibrar os valores obtidos pela classificação por critério e o valor atribuído ao todo.

- . A concretização de práticas ..... 40%  $\approx$  80 pontos
- . A aquisição de conceitos ..... 35%  $\approx$  70 pontos
- . O desenvolvimento de valores e atitudes ..... 25%  $\approx$  50 pontos

### **PRÁTICAS**

#### **CA-P1: Regista ideias, experiências e opiniões em formas visuais e outras apropriadas às intenções.**

“O aluno deverá, mercê do exercício da observação analítica, observar e registar com crescente aptidão: o quotidiano natural ou técnico, por meios manuais – riscadores e/ou de mancha –ou meios informáticos”. ( Programa da Disciplina, Competências)

- Desenvolvimento do espírito de observação e atenção visual e a aquisição de hábitos de registo metódico;
- A demonstração de invenção criativa aplicada a imagens, formas, objectos e espaços, associada ao domínio de diferentes processos conducentes à sua transformação e ao desenvolvimento de uma expressividade gráfica personalizada.

#### **CA-P2: Apresenta um conjunto organizado de trabalhos evidenciando domínio de comportamentos, conceitos e de práticas do desenho.**

“O aluno estará apto a aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correcção e a criar imagens novas. Estará em evidência a capacidade de síntese, quer por tratamento da soma de experiências e de esboços analíticos prévios, quer por aplicação de princípios, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstractas. Pressupõe o exercício de sentido crítico, de

método de trabalho e a integração num projecto que responda a necessidades da pessoa e do seu contexto.” (Programa da Disciplina, Competências).

- Domínio e aplicação de princípios e estratégias de composição e estruturação, compreendendo práticas de ocupação de página, enquadramento e processos de transferência;
- A capacidade de análise e representação de objectos do mundo visível e o domínio, no campo dos estudos analíticos de desenho à vista, de proporção, escalas e distâncias, eixos e ângulos relativos, volumetria, configuração e pontos de inflexão de contorno, acompanhada do desenvolvimento de uma capacidade de síntese gráfica;
- A adequação da formulação gráfica à função, à audiência e à tecnologia de divulgação;
- A eficácia técnica no uso dos recursos gráficos e construtivos;
- A utilização de novas tecnologias e sua aplicação às tarefas e processos do desenho.

## **CONCEITOS**

### **CA-C1: Analisa criticamente e utiliza no seu trabalho fontes da cultura visual mostrando compreensão de propósitos, significados e contextos.**

“O aluno conseguirá ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas. Domínio crescente nos processos de interpretação e de sentido assentes num “pano de fundo” culturalmente Informado.” (Programa da Disciplina, Competências)

- Conhecimento e valorização do papel desempenhado pelo sujeito observador perante desenhos, imagens e objectos visuais, assente numa consciência dos factores que o estruturam e condicionam
- Valorização estética e da consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento/reconhecimento de obras relevantes;
- Capacidade de leitura e a interpretação crítica e autónoma de desenhos e imagens, acompanhada de uma consciência dos principais aspectos de ordem simbólica, estética e convencional que estruturam a sua informação e significado;

### **CA-C2: Desenvolve ideias através de experimentação, exploração e avaliação.**

- Domínio dos conceitos constantes nos conteúdos programáticos e a sua correcta aplicação; domínio dos vocábulos específicos da área do desenho; conhecimento das condicionantes psico-fisiológicas da percepção e da representação gráfica;
- Domínio de uma diversidade de suportes, em escalas e matérias diferenciadas, e suas potencialidades; domínio dos diferentes meios actuantes, integrando o conhecimento da sua natureza específica com a compreensão das suas diferentes utilidades e adequações;
- Domínio de factores, processos e sistemas de estruturação e organização formal, cromática, espacial e dinâmica e sua articulação operativa na representação e expressão gráfica;

## **VALORES E ATITUDES**

### **CA-VA1: Controla o seu processo de aprendizagem, avalia e justifica o mérito do seu trabalho**

- A capacidade de iniciativa, a participação e envolvimento no trabalho proposto e a integração interpessoal;
- O desenvolvimento do espírito de observação e atenção visual e a aquisição de hábitos de registo metódico;
- Capacidades de relacionamento intra e interpessoais (o respeito pelas regras da escola, respeito pelos outros, interesse, pontualidade, concentração e empenho durante as aulas)
- Capacidade de definir, conduzir, ler e avaliar o trabalho em termos de objectivos, meios, processos e resultados com a utilização pertinente de métodos planificados e faseados na abordagem a cada Unidade de Trabalho;
- O conhecimento e observância dos cuidados de apresentação, limpeza, segurança de responsabilidade.

### **D. Grelha de Avaliação**

CrITÉRIOS de avaliação – Práticas ≈ 40% = 80 pontos	(NÍVEL: 5-9)Até 20 pontos	(NÍVEL: 10-14) Até 40 pontos	(NÍVEL: 15-17)Até 60 pontos	(NÍVEL: 18-20)Até 80 pontos
CA-P1: Regista ideias, experiências e opiniões em formas visuais e outras apropriadas às intenções.	Muito poucos registos com qualidade gráfica.  Desiste facilmente, não explora ideias.	Conjunto razoável de registos e observações apropriadas.  O aluno(a) tem intenções claras, mas nem sempre é óbvio, mostra um certo grau de curiosidade e persistência.	Amplo conjunto de registos e observações e opiniões apropriadas.  As intenções do aluno(a) são óbvias, mostra persistência e combina alguma informação de acordo com as intenções.	Um conjunto excelente de registos e observações apropriadas ao trabalho com reflexões pessoais. As intenções estão claramente apresentadas.  Aborda vários temas e problemas segundo várias perspectivas e desenvolve muitos rascunhos, esboços, e tentativas articulando e combinando informação coligida com as suas ideias.
CA-P2: Apresenta um conjunto organizado de trabalhos evidenciando domínio de conceitos e de práticas do desenho	O conjunto de trabalhos e o produto final revelam capacidades técnicas e utilização da linguagem e meios expressivos plástica imitadas	O conjunto de trabalhos e produto final foi produzido demonstrando uma compreensão adequada de conceitos e técnicas da expressão plástica.	O conjunto de trabalhos e produto final foi produzido e demonstra uma boa compreensão de conceitos e técnicas da expressão plástica.	Um conjunto criteriosamente selecionado de trabalhos e produto final foi apresentado, revelando capacidades técnicas e utilização da linguagem plástica e meios expressivos excelente.

CrITÉRIOS de avaliação – Conceitos ≈ 35% = 70 pontos	(NÍVEL: 5-9) Até 17,5 pontos	(NÍVEL: 10-14) Até 35 pontos	(NÍVEL: 15-17) Até 52,5 pontos	(NÍVEL: 18-20) Até 70 pontos
CA-C1: Analisa criticamente e utiliza no seu trabalho fontes da cultura visual mostrando compreensão de propósitos, significados e contextos	O aluno(a) apenas utiliza as fontes aconselhadas pelo professor, apenas colige informação sobre essas fontes.	O aluno(a) mostra algum interesse na descoberta de fontes que o professor aconselhou e que ele(a) próprio encontrou mas limita a pesquisa à coleção e organização de informação	A aluna(o) procura com várias fontes de várias culturas e períodos históricos relacionadas com o tema utilizando-as de um modo bem integrado no seu trabalho.  Colige, organiza, selecciona, analisa, e interpreta com alguma crítica pessoal informação relativa aos propósitos e intenções revelando uma boa compreensão de contextos	A aluna(o) procura com entusiasmo e reflecte criticamente sobre várias fontes de várias culturas e períodos históricos relacionadas com o tema revelando uma boa compreensão de contextos e utilizando-as de um modo versátil, independente e bem integrado no seu trabalho (colige, organiza, selecciona, combina, critica e reorganiza)
CA-C2: Desenvolve ideias através de experimentação, exploração e avaliação	O trabalho revela uma exploração limitada ou pouco clara de ideias apropriadas . Repetição de ideias e experiências.  A falta de persistência e de domínio técnico impede o seu desenvolvimento. Sem reflexão	O aluno/a utiliza problemas pré-estabelecidos. O trabalho evidencia uma exploração razoável mas pouco ousada de ideias e experiências apropriadas.  Resolução razoável de conceitos e expressão	O aluno/a consegue reformular problemas. O trabalho ilustra uma exploração compreensiva de ideias apropriadas (experimentação, exploração), e uma boa resolução de conceitos e expressão técnica na maioria dos trabalhos. Mostra alguma reflexão crítica sobre as experiências	O aluno /a frequentemente procura, formula ou reformula problemas de um modo independente. Experimenta e explora possibilidades constantemente e com ousadia ( alarga e rompe limites) e frequentemente encontra possibilidades e

	sobre as experiências desenvolvidas e decisões tomadas	técnica em alguns trabalhos mas pouca reflexão sobre as experiências desenvolvidas e decisões tomadas	desenvolvidas e decisões tomadas	soluções não esperadas. Mostra reflexão crítica sobre as experiências desenvolvidas e tomadas de decisões.
CrITÉRIOS de avaliação – Atitudes e Valores ≈ 25% = 50 pontos	(NÍVEL: 5-9) Até 12,5 pontos	(NÍVEL: 10-14) Até 25 pontos	(NÍVEL: 15-17) Até 37,5 pontos	(NÍVEL: 18-20) Até 50 pontos
CA-AV1: Controla o seu processo de aprendizagem, Avalia e justifica o mérito do seu trabalho	Utiliza um método de trabalho muito incipiente ,nem sempre cumpre datas de entrega de trabalhos. Explica vagamente as intenções e utilização de fontes, mas não fundamenta a qualidade do seu trabalho nem o tipo de intervenção.	Utiliza um método de trabalho estruturado cumpre datas de entrega de trabalhos. Avalia as características e mérito do seu trabalho utilizando vocabulário específico, fundamenta razoavelmente as qualidades do trabalho explicando o processo e progresso referindo intenções, fontes e problemas encontrados.	Utiliza um método de trabalho estruturado, cumpre quase sempre datas de entrega de trabalhos. Avalia as características e mérito do seu trabalho utilizando vocabulário específico, fundamenta satisfatoriamente as qualidades do trabalho explicando o processo e progresso referindo intenções, fontes e problemas encontrados.	Utiliza um método de trabalho estruturado e pessoal, cumpre sempre datas de entrega de trabalhos. Avalia as características e mérito do seu trabalho utilizando vocabulário específico, fundamenta com fluência as qualidades do trabalho explicando o processo e progresso referindo intenções, fontes e problemas encontrados.

### Grelha de observação/aula<sup>2</sup>

As observações efectuadas pelo professor durante as aulas incidirão sobre processos e produtos e serão utilizadas na avaliação formativa como meio de detectar problemas, remediar falhas e dar o ‘feedback’ imediato ao aluno.

<sup>2</sup> Adaptável em função da unidade em desenvolvimento.



Na avaliação sumativa as observações feitas durante as aulas servirão para confirmar (ou não) os resultados obtidos a partir dos outros elementos de avaliação. As observações do professor terão assim uma função essencial e um papel decisor na avaliação sumativa.

Unidade:															
CA1: Regista ideias, experiências e opiniões apropriadas às intenções da unidade em estudo.			CA2: Analisa e utiliza para o seu trabalho as fontes disponibilizadas mostrando compreensão de propósitos, significados e contextos			CA3: Desenvolve ideias através de experimentação e exploração dos recursos técnicos e suportes.			CA4: Domínio de Conceitos, técnica e de procedimentos adequados ao desenvolvimento da unidade.			CA5: Controla o seu processo de aprendizagem, e o progresso do seu trabalho			Outras obs.
insuf	suf	bom	insuf	Suf	bom	insuf	suf	bom	insuf	suf	bom	insuf	suf	bom	

## E. Decisões de avaliação sumativa

A avaliação é contínua e incide sobre a progressão do aluno ao longo do ano. Cada aluno tem um ponto de partida próprio, tem percursos de aprendizagem individuais com avanços e retrocessos, isso faz parte da aprendizagem em geral e sobretudo no ensino artístico onde a experimentação, o erro e a reflexão sobre os erros é essencial para aprender. Portanto não será correcto utilizar fórmulas de progressão contínua muito lineares. A avaliação incide sobre o todo da aprendizagem e não sobre as suas partes distintas. Sendo assim serão tidos em conta as seguintes decisões:

1. Os pesos a atribuir aos critérios de avaliação poderão eventualmente ser ajustados ao longo do ano de acordo com os perfis dos alunos e das turmas, salvaguardando sempre a fiabilidade da avaliação a nível da escola;
2. Os pesos a atribuir aos diferentes instrumentos de avaliação (observação aulas, portefólios e provas práticas) poderão também vir a sofrer alterações em função do aluno e da turma;
3. As classificações a atribuir no segundo e terceiro períodos terão sempre em conta o ponto de partida do aluno no princípio do ano e deverão medir sempre o progresso real da sua aprendizagem desde o início do ano lectivo.
4. A observação das aulas que têm um papel importante de triangulação e terá sempre um factor decisivo na atribuição da classificação final.

## ANEXO III – PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA



### PLANIFICAÇÃO UNIDADE DIDÁTICA DE DESENHO A – 12.ºANO

#### UT – APROPRIAÇÃO E CRIAÇÃO A PASTEL DE ÓLEO

##### SINOPSE

Exercício de apropriação e criação com base na obra e processos de trabalho da artista Paula Rego, utilizando a técnica do pastel a óleo.

##### FASES DE TRABALHO

- 1.ª Fase – Introdução à Unidade didática e Apresentação do trabalho da artista Paula Rego. Exercício rápido de cópia e variação através de um detalhe da obra de Paula Rego. Exploração da técnica de pastel de óleo.
- 2.ª fase – Escolha de obra referencial e adição de novos elementos criando uma nova composição.
- 3.ª fase – Concretização do trabalho de apropriação e variação usando o mesmo processo técnico da artista Paula Rego, pastel de óleo sobre papel.
- 4.ª fase – Avaliação sumativa e autoavaliação.

**Previsão de tempos lectivos:** 13 blocos de 90 minutos

##### OBJECTIVOS GERAIS

- Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.

- Conhecer as articulações entre percepção e representação do mundo visível.
- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.
- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.
- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.
- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.
- Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.
- Relacionar-se responsavelmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiossincrasias e posições discriminatórias.
- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.
- Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.
- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.
- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.

## CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Sentido, Procedimentos, Materiais, Sintaxe, Visão

## RECURSOS DIDÁCTICOS

Sala de aula

Projector de vídeo

Diaporamas

Bibliografia de apoio

Internet

Material de registo e desenho adequado aos procedimentos e à técnica de estudo

Diário gráfico como ferramenta de pesquisa e experimentação

## MATERIAL NECESSÁRIO

Papel tipo Fabriano A3

Pastel de óleo

Régua

Outros materiais que se achem necessários no desenvolvimento da atividade

## AVALIAÇÃO

Formativa

Sumativa

Considerando a aquisição de conceitos, a concretização de práticas e o desenvolvimento de valores e atitudes

(Com base nos processos integrados de avaliação aprovados pelo grupo 600)

## ANEXO IV – POWERPOINT SOBRE PAULA REGO



**Paula Rego**  
*Once upon a time...*

### Paula Rego

[VIDEO](#)

#### Historia

#### Inspiracao

#### Metodologia/Estúdio

#### Obras

#### Videos



- Nasce a 26 de Janeiro 1935, Portugal
- Aos 16 anos vai estudar para Londres na Slade School of Fine Art
- Em 1959 casou com o pintor Victor Willing
- O seu interesse por contos infantis foi apoiada por uma Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian
- Em 1987 inicia colaboração com a galeria Marlborough Fine Art que impulsiona a sua carreira internacional
- A sua Fundação Casa das Histórias – Museu Paula Rego é inaugurada em 2009, Cascais
- Em 2010 recebe o famoso titulo de Dama, concedido pela Rainha Isabel II de Inglaterra
- Em 2011 recebe o Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Lisboa

### Paula Rego

#### Historia

#### Inspiracao

#### Metodologia/Estúdio

#### Obras

#### Videos

Contos Infantis



### Paula Rego

#### Historia

#### Inspiracao

#### Metodologia/Estúdio

#### Obras

#### Videos

Jean Dubuffet (Arte Bruta)



### Paula Rego

#### Historia

#### Inspiracao

#### Metodologia/Estúdio

#### Obras

#### Videos

George Orwell (escritor)



### Paula Rego

#### Historia

#### Inspiracao

#### Metodologia/Estúdio

#### Obras

#### Videos

Hieronymus Bosch (pintor flamengo do sec. XVI)



## Paula Rego

Historia  
**Inspiracao**  
 Metodologia/Estúdio  
 Obras  
 Videos

Teatro



## Paula Rego

[VIDEO](#)

*"O que eu faço é desenhar, desenhar o mais que posso."*

Historia  
 Inspiracao

*"Pintar é algo prático, mas também mágico. Estar no meu estúdio é como estar no meu próprio teatro."*

**Metodologia/Estúdio**

Obras  
 Videos



## Paula Rego

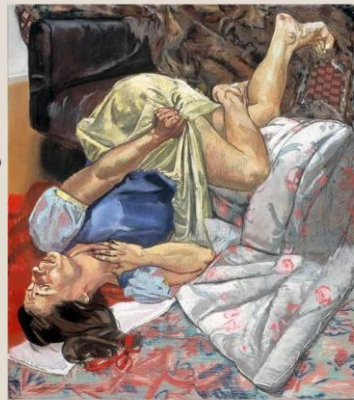
Historia  
 Inspiracao  
 Metodologia/Estúdio  
**Obras**  
 Videos



*Dog Woman,*  
 1994.  
 Pastel on canvas,  
 120x160cm

## Paula Rego

Historia  
 Inspiracao  
 Metodologia/Estúdio  
**Obras**  
 Videos



*Snow White Swallows  
 the Poisoned Apple,*  
 1995.  
 Pastel on board  
 170x150cm

## Paula Rego

Historia  
 Inspiracao  
 Metodologia/Estúdio  
**Obras**  
 Videos



*Snow white playing with  
 her Father's Trophies,*  
 1995.  
 Pastel on board  
 170x150cm

## Paula Rego

Historia  
 Inspiracao  
 Metodologia/Estúdio  
**Obras**  
 Videos



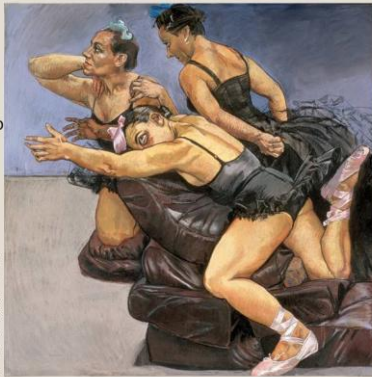
*Dancing Ostriches from  
 Disney's Fantasia*  
 1995  
 Pastel on paper mounted on  
 aluminium  
 150x150 cm  
 Saatchi Collection, London.



## Paula Rego

Historia  
Inspiracao  
Metodologia/Estúdio  
**Obras**  
Videos

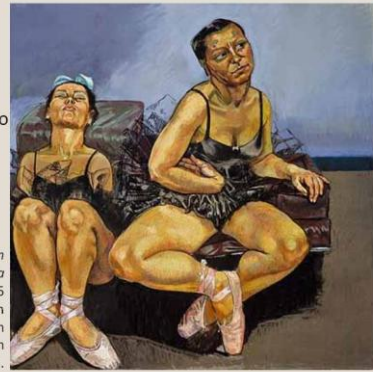
*Dancing Ostriches from  
Disney's Fantasia*  
1995  
Pastel on paper mounted on  
aluminium  
150x150 cm  
Saatchi Collection, London.



## Paula Rego

Historia  
Inspiracao  
Metodologia/Estúdio  
**Obras**  
Videos

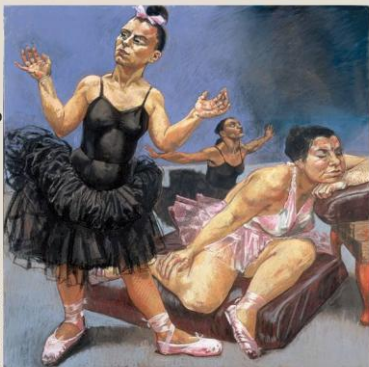
*Dancing Ostriches from  
Disney's Fantasia*  
1995  
Pastel on paper mounted on  
aluminium  
150x150 cm  
Saatchi Collection, London.



## Paula Rego

Historia  
Inspiracao  
Metodologia/Estúdio  
**Obras**  
Videos

*Dancing Ostriches from  
Disney's Fantasia*  
1995  
Pastel on paper mounted on  
aluminium  
150x150 cm  
Saatchi Collection, London.



## Paula Rego

Historia  
Inspiracao  
Metodologia/Estúdio  
**Obras**  
**Videos**

[http://www.theguardian.com/artanddesign/2008/may/09/artists\\_studios.paula.rego](http://www.theguardian.com/artanddesign/2008/may/09/artists_studios.paula.rego)  
<http://www.pinterest.com/salinga/paula-regos-studio/>  
<http://www.youtube.com/watch?v=7yFDPxPvtg>  
<http://www.youtube.com/watch?v=4bjFmReB37c>  
<http://www.youtube.com/watch?v=vDZGh1O72uQhttp://www.youtube.com/watch?v=4bjFmReB37c>  
<http://www.youtube.com/watch?v=mH8OCT1-lg>

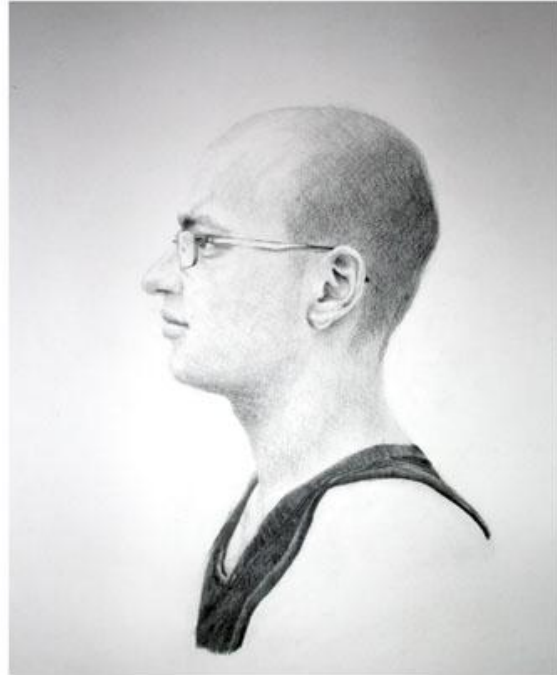
## ANEXO V – IMAGEM ESCOLHIDA PARA 1.º EXERCÍCIO





## ANEXO VI – TRABALHOS ANTERIORES DOS ALUNOS





## ANEXO VII – TRABALHOS FINAIS UNIDADE DIDÁTICA





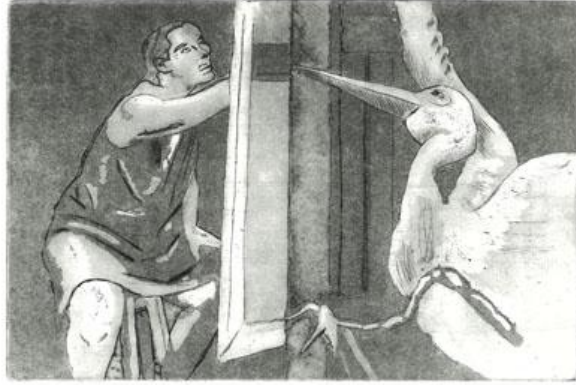




## ANEXO VIII – TRABALHOS DESENVOLVIDOS DEPOIS DA UNIDADE DIDÁTICA









## ANEXO IX – FOLHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA UT

Exemplo de ficha/grelha de avaliação sumativa.

ALUNO	CA-P1 CA-P2	CA-C1 CA-C2	CA-AV1	OA <sup>2</sup>	AV <sup>3</sup>	CLASSIFICAÇÃO
A F	60	55	40	B	16	160
I P	70	65	45	MB	17/18	180
J C	60	50	35	B	15/16	150
M C	75	65	50	MB	18/19	190
M J	65	55	45	B	16	175
M S	60	60	40	B	15/16	160
N P	65	60	45	MB	17	180

Classificação final = CA-P1 CA-P2 + CA-C1 CA-C2 + CA-AV1 + OA

<sup>2</sup> Observação de aula

<sup>3</sup> Auto-avaliação do aluno